

5/02/05

Madalena Sofia Alves de Oliveira

LEITURA  
INTERNA

Y...  
10/01/05



Comportamentos dos jovens universitários  
face à violência nas relações amorosas

Pro - Glória Jollu skin  
Arg - Luis Santos  
Vog - Ana Jani

Porto, 2004



Madalena Sofia Alves de Oliveira

LEITURA  
INTERNA



Comportamento dos jovens universitários  
face à violência nas relações amorosas

Porto, 2004

Comportamento dos jovens universitários  
face à violência nas relações amorosas



Madalena Sofia Alves de Oliveira

Madalena Sofia Oliveira

Monografia apresentada à Faculdade  
de Ciências Humanas e Sociais da  
Universidade Fernando Pessoa, como  
parte dos requisitos para obtenção do  
grau de licenciatura em Serviço Social

## **Sumário**

A presente monografia surgiu como um trabalho de investigação incidindo sobre a problemática do comportamento dos jovens universitários relativamente à violência nas relações amorosas, na medida em que permitiu dar continuidade à temática da vitimologia, uma vez iniciada no estágio curricular.

Como objectivos específicos pretendeu-se identificar e caracterizar comportamentos violentos que podem ocorrer nas relações amorosas da população universitária; identificar o predomínio das diferentes formas de violência nas relações amorosas, analisando o ponto de vista da vítima e do agressor; verificar se há diferenças ao nível dos comportamentos de agressão e/ou vitimação em função da variável género associado aos comportamentos.

Deste modo, este estudo justifica-se pela pertinência da problemática em termos sociais e pela necessidade de consciencialização da violência nas relações amorosas.

Relativamente à amostra, utilizou-se a amostragem aleatória de alunos da Universidade Fernando Pessoa, mais especificamente a frequentar cursos de licenciatura pertencentes à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais e à Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Esta investigação contemplou uma metodologia quantitativa e a utilização como instrumento de recolha de dados os inquéritos por questionário.

Os resultados obtidos através desta investigação vêm confirmar a pesquisa bibliográfica efectuada, na medida em que corroboram com a existência de comportamentos violentos nas relações amorosas dos estudantes da Universidade Fernando Pessoa.

**O amor é fogo que arde sem se ver;  
É ferida que dói e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer;**

**L u í s   d e   C a m õ e s**

## **Agradecimentos**

Este trabalho é fruto, não só de 4 anos de formação académica, mas de um trajecto percorrido ao longo dos anos da minha existência. Para realizar, hoje, este trabalho, muitas foram as pessoas que contribuíram, cada uma da sua forma. Umhas vezes com intencionalidade, outras somente pela sua existência. Por isso, a cada uma delas quero deixar aqui o meu apreço, admiração e agradecimento.

Aos meus pais, pelo curso, amor, dedicação e horas de trabalho.

Aos meus maninhos, pela ajuda nas horas de desânimo.

Aos meus avós e aos meus padrinhos, por estarem presentes em todos os momentos da minha vida.

Ao Daniel, pelo passado, pelo presente e pelo futuro... pelo amparo nas horas difíceis e principalmente por nunca me deixar desistir e me dar força para continuar.

À Livia... amiga de todas as horas.

À Olívia, não tenho palavras para agradecer, o meu muito obrigada!

À Doutora Ana Isabel Sani, pela orientação, pela exigência, pela disponibilidade e pelo à vontade que sempre me proporcionou.

A todos os professores, que ao longo deste 4 anos contribuíram para a minha formação.

Aos colegas de curso, foi muito bom ter o prazer de partilhar mais esta etapa da minha vida. Em especial às minhas amigas, que sabem quem o são, obrigada pelo apoio nas horas mais complicadas.

Por fim, a toda a população universitária que contribuiu para a realização do meu estudo, pois sem a vossa colaboração este não seria possível.

## **Índice Geral**

<b>Introdução</b>	11
<b>Parte Teórica</b>	13
<b>Capítulo I—A(s) violência(s) e as relações amorosas</b>	14
Introdução	14
1.1. Da criminologia à vitimologia	14
1.2. Conceito de violência	17
1.3. Tipos de violência	18
1.3.1. Violência física	19
1.3.2. Violência sexual	19
1.3.3. Violência psicológica	20
1.4. Conceito de relações amorosas	20
1.4.1 Violência nas relações amorosas	21
Conclusão	24
<b>Capítulo II—Modelos teóricos na área da vitimologia</b>	25
Introdução	25
2.1. Teoria da aprendizagem social	25
2.2. Teorias feministas	28
2.3. Teoria sistêmica	30
2.4. Teoria contextual	31
Conclusão	32

<b>Capítulo III—Estudos e estatísticas</b>	<b>33</b>
Introdução	33
3.1. Estudos	33
Conclusão	37
<b>Parte Empírica</b>	<b>38</b>
<b>Capítulo IV—Metodologia</b>	<b>39</b>
Introdução	39
4.1. Objecto e Objectivos de estudo	39
4.2. Hipóteses de estudo	40
4.3. Instrumentos	42
4.4. Procedimentos	43
4.5. Caracterização da amostra	43
4.6. Apresentação dos resultados	48
4.6.1. Comportamentos de violência nas relações amorosas	48
4.7. Discussão dos resultados	51
4.8. Limitações e Propostas para novos estudos	55
<b>Conclusões Finais</b>	<b>57</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>60</b>
<b>Anexos</b>	

## Índice de Siglas

APAV— Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

I.V.C.-2— Inventário de comportamentos de violência nas relações íntimas

## Índice de Figuras

Figura 1- Distribuição da amostra em função do género	44
Figura 2- Distribuição da amostra em função da idade	44
Figura 3- Distribuição da amostra em função da população	45
Figura 4- Distribuição da amostra em função do ano	46
Figura 5- Distribuição da amostra em função do estado civil	46
Figura 6- Distribuição da amostra em função das relações amorosas actuais	47
Figura 7- Distribuição da amostra em função das relações amorosas passadas	47

## Índice de Quadros

QUADRO I – Teste T de <i>Student</i> para análise de diferenças de género no presente	50
QUADRO II – Teste T de <i>Student</i> para análise de diferenças de género no passado	51

## Índice de Anexos

ANEXO A- Instrumento Utilizado: Inventário de comportamentos de violência nas relações íntimas

ANEXO B- Descrição dos itens de análise

## Introdução

A presente monografia constitui uma investigação conduzida no ano de 2004 integrada no plano curricular do 4º ano da licenciatura em Serviço Social, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Fernando Pessoa.

O tema central desta monografia é o “Comportamento dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas”, focalizando-se a nossa investigação no estudo de alguns comportamentos violentos que podem ocorrer nas relações afectivas dos estudantes da Universidade Fernando Pessoa.

Face a complexidade do tema, esta pesquisa pretende abordar a problemática da violência nas relações amorosas, em população universitária, não podendo por isso generalizar os resultados para outras populações.

O estudo sobre a violência interpessoal sempre deu maior importância à violência conjugal e ao abuso de menores. Só nas últimas décadas é que começaram a surgir estudos que revelaram a violência nas relações amorosas, como um fenómeno a ter em conta.

De acordo com a pesquisa bibliográfica e o trabalho desenvolvido como Técnica de Apoio à Vítima, na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (de crime), constatamos que este era um fenómeno que não nos podia deixar indiferentes. Como tal, levou-se a cabo uma investigação que pretende demonstrar os diversos comportamentos violentos, dos jovens, no âmbito das suas relações amorosas.

Posto isto, a presente monografia encontra-se dividida em duas partes: uma teórica outra empírica.

A parte teórica está organizada em três capítulos: a origem da vitimologia, as relações amorosas, os modelos teóricos na área da vitimologia e os vários estudos relacionados com a problemática.

O capítulo I abarca a perspectiva histórica da vitimologia, o conceito e os tipos de violência e a problemática da violência nas relações amorosas.

O capítulo II incide sobre os modelos teóricos explicativos da vitimologia, sendo de destacar a teoria da aprendizagem social, a teoria feminista, a teoria sistémica e a teoria contextual.

O capítulo III refere-se a alguns estudos efectuados na área da vitimologia.

A parte empírica é constituída por um capítulo que aborda a metodologia e a análise dos resultados obtidos com a amostra.

O capítulo IV alude à metodologia utilizada no estudo, os objectivos, as hipóteses, as variáveis, os instrumentos e procedimentos e a caracterização da amostra. Este capítulo também relata a discussão dos resultados, tendo em conta a análise estatística efectuada. Iremos ainda abordar as limitações ao estudo e propostas para novas investigações.

Por fim, teceremos algumas conclusões finais face a toda a investigação em torno do objecto de estudo.

# Parte Teórica

## Capítulo I— A (s) violência (s) e as relações amorosas

### Introdução

Neste capítulo pretendemos apresentar uma breve referência à evolução da vitimologia enquanto ciência, assim como dar a conhecer o conceito de violência e os vários tipos que a compõem. A violência faz parte do quotidiano, na esfera pública ou privada, assumindo diversas formas e conquistando um lugar na vivência normativa do mundo.

A natureza relacional do ser humano leva-o a estabelecer laços com os outros, ligações de afecto que completam e dão sentido à sua vida. No entanto, o Homem não assume apenas um papel cordial nos seus relacionamentos: o conflito estabelece-se como componente perturbadora, e a violência assume-se como uma estratégia nesse conflito, como expressão de frustração e de raiva para com o outro.

Assim como as relações se estabelecem em diferentes contextos, também a violência ocorre em diversas conjunturas. Consoante o seu objecto, apresentam-se diferentes tipos de violência, associados, por sua vez, a diferentes factores de risco.

#### 1.1. Da criminologia à vitimologia

O tema da vitimação é, sem dúvida, controverso porque tem implicado uma série de factores e áreas do saber (a Sociologia, a Psicologia, a Medicina, o Direito, a Antropologia, a Epistemologia...), e o seu objecto só recentemente foi tornado mais claro. Não devemos, contudo, esquecer os

“(...) notáveis esforços realizados no âmbito da Vitimologia para alcançar uma terminologia própria. Tratar-se-á assim de reafirmar a sua própria identidade e de conseguir um lugar no conjunto das disciplinas científicas”(Díaz, 1990, p.19).

Neste sentido, a perspectiva histórica revela sempre grande utilidade, na medida em que nos permite uma análise arqueológica de modo a conhecer as condições contextuais que possibilitaram a emergência de um determinado saber.

É com a Idade Moderna que ocorre uma mudança significativa nas formas de exercício da violência, nomeadamente a violência privada, cuja censura era exercida por códigos de honra (Gonçalves & Machado, 2002). O Estado assume a acção penal, pois o crime passa a ser um atentado à organização colectiva e as vítimas perdem o direito de realizar justiça pelas próprias mãos, superando-se assim a ideia de ódio ou vingança contra o criminoso (Díaz, 1990).

A Vitimologia consiste “(...) na análise das razões que levam um indivíduo a tornar-se vítima, dos processos de vitimização, das consequências daí decorrentes para ele e dos direitos que ele pode arrogar-se”(Hirigoyen, 1999, p.13). Mas se nos debruçarmos afincadamente sobre esta forma de interpretar este ramo da Criminologia, facilmente constatamos que, não sendo caso único, se tratará sempre de uma noção dependente de outras noções, também elas relativas. Por exemplo, a noção de crime enquanto “(...) acção típica, ilícita, culposa e punível” (Manita, Negreiros & Agra, 2000, p. 57), estará sempre dependente das alterações que se derem no Código Penal de um determinado país.

A Vitimologia tem o seu início na década de 40, com o surgimento desta designação por mão de Wertham <sup>1</sup> (Fattah, 1997 cit. in Gonçalves & Machado, 2002). Em 1976, Gulotta caracterizou a Vitimologia como sendo

“(...) a disciplina que tem por objectivo o estudo das vítimas de um delito, da sua personalidade, das suas características biológicas, psicológicas, morais, sociais e culturais, das suas relações com o delincente e do papel que desempenhou na génese do delito” (Díaz, 1990).

Como já foi referido anteriormente, esta ciência surgiu como uma ramificação da Criminologia. Até esta altura o estudo era focalizado apenas no criminoso. À vítima sempre foi atribuído um papel neutral e de mero testemunho num processo de crime, por outras

---

<sup>1</sup> Outros autores referem também Mendelsohn como sendo o criador do referido vocábulo (Díaz, 1990)

palavras “um objecto neutro, passivo, estático, fungível, que nada acrescenta à génese do acto criminal” (Garcia-Pablos, 1988, cit. in Díaz, 1990, p.34).

A Criminologia tradicional demonstrou sempre pouco interesse pela problemática das vítimas. E assim, quando surgiu a Vitimologia com o objectivo de colmatar as lacunas existentes, alguns criminólogos mostraram resistência ao seu reconhecimento enquanto ciência independente (Díaz, 1990).

É precisamente no final da década de quarenta, com as obras de Von Henting, que se dá uma viragem decisiva ao nível do pensamento criminológico tradicional, pois aí surgiram os primeiros estudos científicos relativo às vítimas de delito. Este autor chamou atenção para a necessidade de encontrar uma explicação para as causas do delito. Surge também a urgência de determinar o papel que a vítima desempenharia no desencadeamento do comportamento delituoso e a sua perpetuação (Díaz, 1990).

Desta forma, e à semelhança da Criminologia, a Vitimologia iniciou os seus passos consoante o modelo vigente nesse tempo (Gonçalves & Machado, 2002), e orientando o seu discurso no sentido da necessidade de encontrar causas explicativas do comportamento criminal (Agra, 2001). Se na Criminologia começou por dominar um pensamento determinista, desenvolvido pela escola positivista italiana (Agra, 2001), na Vitimologia não foi diferente, na medida em que os primeiros discursos eram defensores de uma predisposição inata para a vitimação, que se revelava por meio de comportamentos e atitudes auto-destrutivas (Gonçalves & Machado, 2002). Foram criadas categorias de vitimação, enquadrando factores relacionados com a acção vítima e com características que não eram controláveis por esta, como, por exemplo, a idade o estatuto socio-económico, entre outros (Gonçalves & Machado, 2002). Neste sentido, devemos destacar a importância de Von Henting como pioneiro dos primeiros estudos realizados no âmbito das características psicológicas das vítimas (Díaz, 1990).

No início, a Vitimologia foi considerada um campo paralelo à Criminologia ou o “reverso da Criminologia”. Posteriormente, adquiriu maior abrangência e o seu estudo e aplicação passaram a comportar todo o género de vítimas causadas pela mão do Homem, inclusive

vítimas de acidentes. Existem também correntes dentro da Vitimologia que se ocupam da assistência a vítimas de catástrofes naturais.

Um dos aspectos que tem tido maior enfoque diz respeito ao impacto do crime na vítima, que pode variar consoante o tipo de crime e as características da pessoa, como a idade, a condição social e a rede de apoio social de que dispõe. Os delitos que envolvem violência física e sexual, apesar de em menor número, tendem a causar um maior impacto emocional nas vítimas devido ao facto de, na maior parte das vezes, serem perpetrados por indivíduos que mantêm uma relação de proximidade com a vítima (Gonçalves & Machado, 2002).

Em Portugal, foi apenas em 1978 que a figura do “chefe de família” foi banida. Até então, o homem tinha direitos sobre a mulher, nomeadamente, o de aplicar um “correctivo moderado” sobre esta (Marques-Teixeira & Manita, 2001).

O novo Código Penal começou a considerar a violência marital como crime em 1983 e foi apenas em 1991 que surgiu um decreto-lei que garantia protecção legal às mulheres vítimas de violência conjugal (Diário da República, 1991). Por fim, e colmatando um longo percurso até aos nossos dias, é divulgado em 1999 o I Plano Nacional Contra a Violência Doméstica, e em 2003, o II Plano Nacional Contra a Violência Doméstica.

As campanhas desenvolvidas pelas associações que visam promover a protecção das vítimas de violência permitiram uma maior sensibilização para esta problemática, contribuindo assim para uma maior visibilidade do fenómeno que atravessa o quotidiano de várias pessoas, normalizando, sem contudo trivializar, a situação de vitimação.

## **1.2. Conceito de Violência**

Segundo Costa e Duarte (2000), violência é um acto que acarreta consequências emocionais, causando assim dor, dano e sofrimento a um ser humano. Isto significa todo e qualquer acto que implique o recurso à força contra seres humanos, com o intuito de os atingir na sua integridade física e/ou psicológica. A violência pode ainda ser apreendida como uma desordem, numa representação de mundo organizado, considerando-se violência todos os

actos que atentam contra a ordem social. Neste sentido, é apreendida como uma transgressão ao sistema de valores vigentes em determinado momento e cultura (Fawcett et al., 1996). Trata-se assim de uma construção social que deverá ser compreendida tendo em conta o contexto histórico e sócio-cultural, pois não encerra uma definição estática e verifica-se que varia no tempo e no espaço. Enquanto que a violência é definida em função das normas sociais e dos contextos, o crime é definido em função do sistema jurídico-legal. Violência é, assim, um conceito bastante mais abrangente e amplo do que o conceito de crime. Pode entender-se o conceito de violência como parte do vasto fenómeno da agressão (Lourenço, 1997).

Segundo Minayo (2004), a violência concretiza-se em acções realizadas por indivíduos, grupos, classes, ou mesmo nações, que ocasionam danos físicos, emocionais e ou espirituais a si próprios ou a outros, apresentando um profundo enraizamento nas estruturas sociais, políticas, assim como nas consciências individuais e colectivas.

O estudo que propomos foca o problema da violência nas relações amorosas. Todavia, embora se trate de uma noção distinta de violência conjugal, considerámos que a definição avançada para esta última poderá retratar o tipo de actos implicados na primeira. Deste modo, a definição proposta pelo Conselho da Europa refere

“(…) qualquer acto, omissão ou conduta que serve para infligir danos físicos, sexuais e/ou psicológicos, directa ou indirectamente por meio de enganos, ameaças, coacção ou qualquer outra estratégica a qualquer momento. Tem como objectivo intimidá-la, puni-la, humilhá-la ou mantê-la nos papeis estereotipados ligados ao seu género sexual ou recusar-lhes a dignidade humana, a autonomia sexual, a integridade física, mental e moral ou abalar a sua segurança pessoal, auto-estima ou a sua personalidade ou diminuir as suas capacidades físicas e/ou intelectuais.”

### **1.3. Tipos de violência**

A violência traduz-se em situações complexas que envolvem diferentes acontecimentos, nem sempre de fácil explicação, o que dificulta ainda mais o consenso entre as diversas explicações avançadas.

Apesar de termos sido confrontados com toda uma panóplia de classificações, optamos por organizar os diferentes tipos de violência tendo em conta as dimensões que são afectadas. Desta forma, considerámos a violência física, a violência sexual e a violência psicológica, sendo de realçar que dificilmente ocorrem em separado.

### **1.3.1. Violência física**

É aquela que implica um esforço físico, sendo os exemplos mais comuns o esbofetear, esmurrar, esganar, empurrar, puxar cabelos, agredir com armas (brancas ou de fogo), etc. Este tipo de violência, nos casos mais extremos, pode implicar cuidados e tratamentos médico-hospitalares (APAV, 1998).

A violência pode ser quotidiana ou cíclica, onde se combinam momentos de agressão física com períodos de tranquilidade, sendo por isso difíceis de prever (Matos, 2002). Em algumas ocasiões pode terminar em suicídio ou homicídio. O mau trato físico é descoberto pela presença de contusões, de feridas, queimaduras, fracturas, cortes, lesões internas, asfixia ou afogamento (Lourenço & Carvalho, 2001).

### **1.3.2. Violência sexual**

É considerada violência sexual todo o abuso, violação e assédio sexual. É a passagem ao acto quando o outro não o deseja, é uma agressão focalizada na sexualidade da pessoa, mas que a atinge em todo o seu ser. As marcas físicas e psicológicas da violência sexual são frequentemente muito grandes e não falamos apenas de ferimentos, infecções sexualmente transmitidas ou gravidezes não desejadas. Não podemos esquecer que o uso da coacção psicológica e do poder é também muito frequente, sendo em muitos casos uma estratégia a que o agressor recorre para confundir a vítima (APAV, 1998). Este tipo de abuso é difícil de demonstrar, a não ser que seja acompanhado por lesões físicas. Os principais maus-tratos sexuais são as violações genitais, violações anais e violações orais. Também são frequentes os toques, beijos forçados, pontapés na vagina ou noutras partes vulneráveis, coacção para praticar sexo em grupo, podendo muitas vezes chegar à penetração vaginal ou anal com a mão, ou usando objectos, tais como, garrafas ou paus. Assim, sendo um crime punível por lei,

a violação envolve sempre uma carga emocional muito grande, desencadeando sentimentos de vergonha, nojo e culpa (Walker, 1994).

### **1.3.3. Violência psicológica**

A violência psicológica é, muitas vezes, tão ou mais prejudicial do que a física, sendo caracterizada por rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito, punições exageradas, isolamento, culpabilização, castigos ou ameaças de abandono, gritos, insultos, crueldade mental, referências preconceituosas a determinadas condições da vítima, como, por exemplo, a cor ou algum tipo de deficiência. Leva muitas vezes a depressões, e em alguns casos pode levar ao suicídio (Lourenço & Carvalho, 2001). Trata-se de uma agressão que não deixa marcas corporais visíveis, mas emocionalmente causa cicatrizes indeléveis por toda a vida, corroendo assim a sua auto-confiança e a sua auto-estima (APAV, 1998).

Os factores que influenciam o abuso psicológico são muito variados, pois podem ser emocionais, económicos, sociais, etc. A pessoa que se vê dominada, humilhada na sua intimidade e publicamente, limita a sua liberdade de movimento e a sua disposição para os bens comuns. Apesar deste tipo de abuso ser muito complicado de detectar, deixa sequelas psicológicas, a longo prazo. A gravidade destes abusos varia em virtude do grau de violência exercida sobre a vítima e normalmente combina vários tipos de abuso, pois sempre que há mau trato físico, há mau trato psicológico (Lourenço & Carvalho, 2001).

### **1.4. Conceito de relações amorosas**

O que é o amor? A resposta a esta questão deverá ser das mais desejadas e procuradas, quer por cientistas, quer por poetas e filósofos. Neto (2000) refere-se ao amor como algo que se reveste de dois sentidos: trata-se de um estado emocional curto e uma disposição continuada para experienciar essas emoções em relação a outra pessoa.

Brehm (1985, cit. in Neto, 2000, p.228) referiu que “temos livros sobre o amor, teorias sobre o amor e investigação sobre o amor. Ninguém tem ainda uma só e simples definição que seja

amplamente aceite pelos outros cientistas sociais”. É patente a dificuldade para alcançar uma determinação unânime mas, tal como noutros constructos, cada explicação que vai sendo avançada assume um papel importante pois acrescenta algo de novo ao conhecimento já existente. O amor é composto por diferentes instâncias, cada qual com as suas características (Shaver et al., 1987; Fehr & Russel, 1991, cit. in Neto, 2000).

Ao direccionar esta emoção para outra pessoa, criamos então uma relação, mais concretamente, uma relação amorosa. Nesta classificação podem-se incluir todas as ligações que envolvam o estabelecimento de laços emocionais, desde relações conjugais, a relações entre pais e filhos, até às relações de afecto sem vínculo conjugal. No entanto, no que concerne ao nosso estudo, haverá uma maior ênfase nas últimas, as quais também poderão ser chamadas de relações de namoro ou relações íntimas.

#### **1.4.1. Violência nas relações amorosas**

Uma das maiores contradições da natureza humana é o facto de algumas das ofensas pessoais mais severas ocorrerem nas relações de amor (Arriaga & Stuart, 1999). A violência entre pessoas unidas por laços de intimidade existe desde os tempos mais remotos (Gelles, 1997).

Muehlenhard e Linton (1987, cit. in Jackson, 1999) definiram o namoro como “ uma actividade social planeada com o sexo oposto”, excluindo, deste forma, o namoro homossexual. Face à dificuldade de definir o namoro, Sugarman e Hotaling (1991, cit. in Jackson, 1999) propuseram uma definição que abarca três dimensões: o compromisso, a interacção futura e a intimidade física. Ao mesmo tempo, reconheceram que o namoro pode envolver uma variação considerável nestas dimensões. A confusão acerca do “namoro” poderá ser evitada se os investigadores que se dedicam a este tema, tornarem explícita a sua definição operacional de namoro para o estudo da violência ou da agressão.

A violência nas relações amorosas pode ser um entrave para o desenvolvimento de uma relação duradoura (Olivier, 2002). Normalmente é o que acontece entre namorados que querem e julgam ser iguais, e que, ao descobrirem as diferenças e disparidades entre eles,

ficam decepcionados e acabam por se tornar violentos, pois ninguém consegue ser mais violento e mortífero para o outro do que quem ama apaixonadamente (*ibidem*).

O estudo sobre a violência interpessoal sempre colocou um maior enfoque na violência doméstica e no abuso de menores (e.g., Briere & Runtz, 1988; Browne & Finkelhor, 1986; Hotaling & Sugarman, 1986, cit. in Lewis & Fremouw, 2001). Foi apenas nas duas últimas décadas que os estudos empíricos contrariaram a ideia de que a violência no namoro era um fenómeno raro (e.g., Clark, Becket, Wells & Dungee-Anderson, 1994; Lane & Gwartney-Gibbs, 1985; Mashall & Rose, 1987; O'Keefe, Brockopp & Chew, 1986; Riggs, O'Leary & Breslin, 1990, cit. in Lewis & Fremouw, 2001).

O aumento da pesquisa bibliográfica sobre agressão e violência no namoro estabeleceu motivos de preocupação acerca da violência ocorrente nas relações universitárias por todos os Estados Unidos. A pesquisa estendeu o conhecimento existente, não apenas sobre a incidência e tipos de violência mas também sobre as consequências, factores contribuidores e diferentes géneros. Os estudos que surgem são oriundos dos Estados Unidos, do Canadá e Reino Unido (Carlson, 1987; Sugarman & Hotaling, 1989, cit. in Jackson, 1999).

Na sua maioria, o tipo de violência investigada cinge-se à violência física. Apenas alguns estudos investigaram a violência psicológica (Dekeseredy, 1990; Hockenberry & Billingham, 1993; Kasian & Painter, 1992; Le Jeune & Follette, 1994; Molidor, 1995; Stets, 1991; Stets & Pirog-Good, 1989, cit. in Jackson, 1999).

A frequência de desavenças verbais e de conflitos nas relações é bastante associada à violência física (Hoffman, Demo & Edwards, 1994; Jewkes, Penn-Kekana & Levin, no prelo; Straus, Gelles & Steinmetz, 1980; Stets, 1990, cit. in Jewkes, 2002). Estes conflitos relacionam-se, na maior parte das vezes, com a transgressão dos papéis sociais atribuídos às mulheres, numa postura conservadora (Jewkes, 2002).

No que se refere à violência em relações de afecto sem vínculo conjugal, torna-se necessário separar a violência que ocorreu em diferentes relacionamentos. A maior parte dos estudos não

distingue entre respostas descritas sobre múltiplas relações e as repostas descritas de uma relação apenas. Henton, Cate, Koval, Lloyd e Christopher (1983, cit. in Jackson, 1999) optaram por questionar os sujeitos de forma a estes indicarem o número de relações em que a violência havia ocorrido.

Namorar é uma das actividades centrais nas vidas de muitos adolescentes e jovens, cujas identidades dependem, em parte, das diferentes experiências que têm, incluindo interacções de foro amoroso. Os adolescentes/jovens podem entrar nas suas relações com expectativas de amor, amizade, sexo e felicidade. Para muitos, esta será provavelmente a sua primeira experiência, mas para 12% no ensino secundário e 36% no ensino superior (Carlson, 1987, cit. in Jackson, 1999) será um encontro com a agressão ou a violência, quer seja física, sexual e/ou psicológica, nestas que são as suas primeiras relações heterossexuais.

Outros autores sugerem que a primeira experiência de violência nas relações ocorre no liceu (Jackson, Crane & Seymour, 2000; Kreiter et al., 1999, cit. in Gover, 2004) e que a maior parte dos adolescentes experiencia um episódio de violência na relação íntima aos 15 anos (Henton, Cate, Koval, Lloyd & Christopher, 1983, cit. in Gover, 2004).

Experiências anteriores de violência podem funcionar como preditores de comportamentos subsequentes, quer no que se refere à vitimização, quer à perpetração das agressões. Há, contudo, que ter em conta que os estudos referentes a esta variável se dedicam à análise dos padrões de transmissão intergeracional do abuso, adoptando este modelo explicativo para explicar os comportamentos abusivos que têm lugar dentro das relações (Coffey et al., 1996; Follette & Alexander, 1992; O'Keefe et al., 1986; O'Keefe, 1998, cit. in Lewis & Fremouw, 2001).

Enquanto que, em alguns estudos, a idade pode ser assinalada como um factor de risco ligado à juventude (Bachman & Saltzman, 1995; Ratner, 1993, cit. in Jewkes, 2002), na maior parte das investigações não surge como preditor significativo de violência no namoro (Arias et al., 1987; Marshall & Rose, 1987; Reuterman & Burcky, 1989, cit. in Lewis & Fremouw, 2001).

A diversidade de critérios utilizada relativamente à temática da violência nas relações amorosas leva a que os resultados obtidos nas diferentes investigações careçam de consenso. Há dificuldade em estabelecer comparações entre os diversos estudos realizados, uma vez que se encontram sempre diferenças a nível da amostra, nomeadamente a idade, a nível metodológico, variando a técnica utilizada para recolher os dados, recorrendo-se mais ao auto-relato, e a nível da técnica de análise utilizada (Sugarman & Hotaling, 1989, cit. in Lewis & Fremouw, 2001).

### **Conclusão**

A vitimologia surge actualmente como área multidisciplinar, que investiu, e ainda investe, na investigação e intervenção nas problemáticas que abrange. Conquista-se assim uma visão holística da questão, que contribuirá para realizar o potencial científico e humanístico emergente da vocação natural da vitimologia.

Porém, a definição dos conceitos envolvidos não estabelece acordo entre os diferentes investigadores devido à sua difícil concretização. Enquanto que a violência pode ser dividida em vários tipos, catalogando acções, não existe concordância na inserção destas nas categorias criadas, o mesmo se passando com a definição de relações amorosas.

Apesar das discrepâncias existentes, é possível estudar determinadas variáveis tidas como predictoras de vitimação e/ou de perpetração, tais como o género e a idade, não se podendo generalizar os resultados, adiando-se assim a criação de uma tipologia para a violência nas relações amorosas.

## **CAPÍTULO II - Modelos Teóricos na área da Vitimologia**

### **Introdução**

Tal como noutras áreas surgem diferentes abordagens à problemática da violência nas relações amorosas. Os modelos teóricos explicativos da vitimação, expostos de seguida, à excepção da teoria feminista, aplicam-se a toda a forma de violência familiar e não especificamente à violência contra as mulheres.

Os primeiros estudos são marcados pela presença do modelo psicopatológico. É aqui que se situa o verdadeiro problema da personalidade do homem violento e/ou da vítima. O centro da análise sobre os protagonistas, os sistemas de defesa internos, a presença de uma patologia ou doença mental (Gillioz, De Puy & Ducret, 1997).

### **2.1. Teoria da aprendizagem social**

A maior parte dos comportamentos humanos aprendidos são adquiridos através da instrução directa e da observação dos comportamentos de outras pessoas (Bandura & Walters, 1963; Miller & Dollard, 1941, cit. in Neto, 1998).

A teoria de Bandura (1986), aplicada à problemática da violência, defende a existência de uma tendência inata para maltratar, principalmente quando os sujeitos cresceram imersos num contexto social violento. A família, local de socialização primário, surge como local privilegiado de aprendizagem no qual a criança apreende os papéis desempenhados pelas figuras modelo. Se neste ambiente existem episódios de violência, estes vão ser absorvidos pela criança, recorrendo à modelagem dos comportamentos. Os comportamentos são inculcados pela observação e imitação dos outros e mantidos através de diferentes reforços (Bandura, 1973, cit. in Jackson, 1999).

Segundo a Teoria da Aprendizagem Social, tanto os comportamentos do agressor como os comportamentos da vítima são resultado das aprendizagens efectuadas no seio da família de

origem ou do grupo a que pertencem (Owens & Straus, 1975). Uma das estratégias utilizadas pelas crianças reporta-se à imitação dos comportamentos que observam, o que, no caso de situações de violência interparental, pode potenciar o recurso à violência no futuro. De acordo com Kalmuss (1984, cit. in Sani, 2003), testemunhar actos de violência durante a infância constitui um dos factores de risco de agressão marital mais significativos.

É ainda na família que se inicia a aprendizagem de valores morais que legitimam o uso da violência (Gelles, 1997). Por exemplo, alguns estudos demonstram que mulheres que sofreram maus-tratos enquanto crianças aceitarão mais facilmente uma futura vitimação por parte do companheiro, uma vez que assumem que o amor está associado aos maus-tratos (Straus & Kantor, 1994, cit. in Matos, 2002). Por sua vez, no que compete aos perpetradores, foram obtidos resultados que apontam para a existência de uma relação entre comportamentos violentos por parte do marido para com a esposa e o facto de terem assistido a episódios de violência na infância (Roy, 1977, Straus et al., 1980, cit. in Gillioz, De Puy & Ducret, 1997).

No respeitante à violência sexual e à violação, estas poderão ser interpretadas como uma forma de demonstração de poder dos homens sobre as mulheres, posição aprendida socialmente, com base em experiências quotidianas em que prevalece esta visão. (Brownmiller, 1975, cit. in Doerner, 1995).

As descobertas na literatura contêm previsões teóricas de aprendizagem social. Alguns investigadores descobriram que observar a violência parental reduz a probabilidade de experienciar ou perpetrar a violência numa relação de namoro (Breslin et al., 1990; Gwartney-Gibbs et al., 1987; J. Smith & Williams, 1992, cit. in Jackson, 1999). Pelo contrário, o trabalho de Bernard e Bernard (1983; cit. in Jackson, 1999) indicava que os exactos tipos de agressão observados ou experienciados na família de origem eram perpetrados em relações de namoro.

No referente à importância do género do parente modelo da criança, foram efectuados estudos que procuraram responder a essa questão. Breslin (1990, cit. in Jackson, 1999) descobriu que o uso da agressão pelos homens foi significativamente relacionado com a agressão maternal e não com a paternal. A violência usada pelas mulheres nas relações de namoro não se relaciona

com um parente específico mas sim com a agressão inter parental, independentemente de quem é o agressor e de quem constitui a vítima.

Enquanto que os pais providenciam a aprendizagem num contexto social, os grupos de pares fornecem outro. Alguns investigadores examinaram o papel da aprendizagem no grupo de pares, concluindo que o indivíduo do sexo masculino é agressivo no namoro, influenciado pela observação de determinados comportamentos neste contexto (Jackson, 1999).

Tendo por base a Teoria da Aprendizagem Social, Boeringer (1991, cit. in Jackson, 1999) descobriu que as associações de estudantes forneceram uma influenciável base de aprendizagem social, o que promove o uso do comportamento sexual não físico coercivo. Da mesma forma, Dekeseredy e Kelly (1995, cit. in Jackson, 1999) identificaram reforços directos do comportamento abusivo por parte dos sujeitos do sexo masculino, no interior do grupo de pares. A pressão deste, associado à necessidade de se sentir elemento de pertença de algo, faz com que a perpetração de violência nas relações de namoro seja uma conduta aceite e, mais grave ainda, reforçada. O estudo de Lavoie, Herbert e Dufort (1995, cit. in Jackson, 1999) revelou que a influência dos pares na experiências violentas é significativamente superior do que um historial familiar violento. Em particular, o relativizar da violência por parte dos amigos é um factor chave para as mulheres vítimas de violência.

Porém, crescer num lar onde prevalece a violência não pré-determina comportamentos posteriores, nomeadamente violência nas relações íntimas (Kaufman & Zigler, 1987, cit. in Rosen, Bartle-Haring & Stith, 2001). É importante referir que as respostas das crianças às diferentes situações com que se deparam diferem entre si, pois há que ter em conta outras variáveis. Assim, as reacções resultantes da observação de violência interparental variam consoante as características individuais das crianças, pois são criadas diferentes representações e são atribuídas significações divergentes (Sani, 2003), inerentes ao carácter idiossincrático do ser humano.

Estudos realizados no âmbito da violência estabelecem um padrão denominado por “Teoria das três fases da violência familiar”: a primeira fase, denominada fase da emergência da tensão; a segunda denominada por fase do incidente crítico da tensão e a terceira fase, a

chamada fase da reconciliação ou da “lua de mel”. Estas fases ajudam a explicar o porquê das mulheres se sentirem culpadas e envergonhadas, quando vítimas da violência por parte dos companheiros, esta também serve para explicar a dificuldade das mesmas não abandonarem a relação, mesmo encontrando-se em perigo. Uma vez iniciada, a violência tem tendência a aumentar de intensidade e de gravidade (Antunes, 2003; Capela, 2003). As crianças, ao assistirem a este ciclo de violência familiar podem criar modelos de comportamentos, que poderão potenciar o recurso à violência em relações vindouras.

## 2.2. Teorias feministas

As abordagens feministas inserem-se nas perspectivas sócio-culturais, onde são relevadas as condições políticas, sociais e culturais que vigoram em determinados períodos históricos. Desta forma, a evolução histórica da sociedade até à actualidade surge como via explicativa dos maus-tratos (Brownmiller, 1975; Dobash, 1978, cit. in Doerner, 1995). A realização de estudos antropológicos, transversais a diferentes culturas mostrou que, nas culturas onde existia maior igualdade a nível de tratamento entre os sexos, menor era a probabilidade das mulheres sofrerem maus-tratos (Gelles & Loseke, 1993).

O mundo ocidental legitima o uso da violência como forma privilegiada de resolução de problemas: o poder está entregue aos homens, com domínio sobre as mulheres, dito “sexo fraco”, autoridade exaltada quando se trata de lidar com as esposas (Sugarman & Frankel, 1996, cit. in Matos, 2002). Os maus-tratos contra a mulher são minimizados pelo sistema vigente, dominado pelo sexo masculino (Doerner, 1995), onde as práticas se regem por valores patriarcais (Dobash, 1992; Larkin & Popaleni, 1994; Lloyd, 1991, cit. in Jackson, 1999). A própria organização tradicional da família é questionada por esta perspectiva, uma vez que à mulher é atribuído um papel passivo e submisso ao “homem da casa”.

Lloyd (1991, cit. in Jackson, 1999) elaborou as relações de namoro ressaltando a combinação de valores patriarcais (homens no controlo, mulheres dependentes) com o romanticismo, como factores fundamentais para a perpetração e manutenção de violência íntima. A revisão efectuada por Carlson (1987, cit. in Jackson, 1999) corrobora os resultados encontrados por

Lloyd, concluindo que o poder e a dependência são variáveis importantes na explicação para o uso da violência nas relações íntimas.

As teorias feministas relevam a necessidade de reconceptualizar o papel da mulher na sociedade actual, assim como em outros microssistemas, como a família, visando a desejada igualdade entre os sexos (Matos, 2000). A crença enraizada culturalmente de que a violência é uma forma eficaz de disciplina, leva a que se multipliquem os actos abusivos, dos quais as vítimas são, usualmente, “o elo mais fraco”.

No que concerne à violência sexual, esta é associada à imagem social da mulher servil, propriedade de algum homem (pai ou marido). A violação refere-se a uma demonstração de poder, de quem possui o poder, não sendo vista como uma ofensa corporal, mas sim como uma maneira de controlar a mulher (Doerner, 1995).

O interesse no papel do poder nas relações está patente na quantidade de estudos realizados sobre o tema, a maior parte dos quais conclui que os homens com maior necessidade de poder eram significativamente mais abusivos nas relações (Mason & Blankenship, 1987; Follingstad, 1991, cit. in Jackson, 1999), da mesma forma que as mulheres também apontam o controlo interpessoal como factor significativo no uso de violência (Stets & Pirog-Good, 1989, cit. in Jackson, 1999).

A procura de uma justiça social que desafiasse a os modelos instituídos esteve na base das teorias feministas, a luta pela emancipação das mulheres num contexto desfavorável desde o nascimento permitiu ao sexo feminino desenvolver novas trajectórias de vida, longe da subjugação instituída pela ordem social (Neves & Nogueira, 2004).

A teoria feminista constitui um modelo explicativo da violência relevante para o panorama actual. Embora o enfoque desta abordagem seja colocado na perspectiva da vítima, através dela podemos analisar o contributo dos estereótipos sociais para uma melhor compreensão do fenómeno, assim como permite estudar as questões relativas ao poder, fundamentais na intervenção com vítimas de maus-tratos.

### 2.3. Teoria sistémica

A perspectiva sistémica parte da Teoria Geral dos Sistemas de Bertalanffy e da Teoria da Comunicação de Watzlawick (Alarcão, 2002), mostrando-se útil para a intervenção familiar. Desta forma, considera-se que a família constitui um sistema, ou seja, uma complexidade organizada com múltiplos elementos em interacção constante, quer a nível interno, quer com o exterior, sendo impossível não comunicar.

Ao descrever a família como um sistema social de adaptação, a teoria sistémica considera a violência como uma má comunicação no interior da família (Straus, 1973), onde os problemas não são conceptualizados como o resultado de uma disfunção pessoal, mas sim de uma disfunção familiar, social e sistémica.

Mínuchin (1979, cit. in Alarcão, 2002) apresentou uma divisão da família ocidental tradicional em vários subsistemas, entre os quais o subsistema individual, o subsistema conjugal, o subsistema parental e o subsistema fraternal, sugerindo que, em cada um deles, existe uma energia conflitual. Assim, tomando como exemplo o subsistema conjugal, estamos na presença de duas culturas e duas identidades que o constituem. Perde-se uma certa individualidade mas ganha-se em sentido de pertença, o que implica que haja uma negociação e não imposições de um ou ambos os lados.

As dinâmicas estabelecidas no seio da família revelam-se fundamentais para o desenvolvimento das histórias de violência. Questões relativas às principais figuras de vinculação e ao grau de dependência existente no sistema familiar podem levar a que o indivíduo se sinta indesejado e vítima de injustiças. A forma que encontra para combater e ultrapassar as suas inseguranças traduz-se em comportamentos violentos para com os outros, através dos quais pretende demonstrar que tem poder, construindo assim uma nova identidade (Alarcão, 2002).

De acordo com a teoria sistémica, é necessário estabelecer distâncias entre os membros da família, fazendo a gestão dos espaços, e evitando que afectos negativos se desenvolvam e perturbem o equilíbrio da família. Achamos relevante realçar que esta abordagem está mais

direccionada para a violência na família, nomeadamente para a intervenção aquando da sua desorganização enquanto sistema produtor de histórias e construções.

#### **2.4. Teoria contextual**

As teorias contextuais põem em evidência o impacto dos acontecimentos externos sobre o funcionamento familiar. Segundo Steinmetz (1980), a violência pode originar situações genéricas de stress (insatisfação no trabalho, alcoolismo, pobreza, etc.) que se repercutem no interior da família e gera conflitos que levam à violência.

A abordagem sócio-cultural procura nas organizações sociais e culturais os grupos e factores responsáveis pela violência (Finkelhor et al., 1983; Russel, 1982; Straus et al., 1980, cit. in Gillioz, De Puy & Ducret, 1997). Podemos distinguir dois grandes níveis de análise: (1) o nível estrutural, onde são estudados as desigualdades entre os grupos sociais, que são determinados pelo curso, rendimentos sociais, o grupo étnico ou nível familiar; (2) o nível cultural tem que considerar as normas, os valores e a representação dos seus comportamentos.

No que concerne ao consumo de álcool como factor causal da violência familiar, não encontramos estudos que demonstrem essa relação de causalidade entre as duas variáveis (Doerner, 1995). Segundo Frieze e Brown (1989, cit. in Matos, 2001), o álcool pode ser visto, não como causa dos maus-tratos, mas sim como um sintoma dos indivíduos com tendências violentas.

O stress, a depressão e a baixa auto-estima surgem associados à violência familiar, mais concretamente à violência conjugal. Esta relação pode ser justificada pela necessidade do agressor “descarregar” sobre a vítima as frustrações do dia-a-dia, mesmo que relacionadas com outras pessoas, deslocando assim o foco da sua raiva (Doerner, 1995).

Os maus-tratos associam-se frequentemente às famílias de baixo nível socio-económico, relevando o papel do desemprego e do stress causado pelas dificuldades económicas (Wolfe, 1999). Esta visão aproxima-se da abordagem anterior, apenas diferindo nas causas do stress e da frustração, baseando-se em factores relativos às condições de vida (Doerner, 1995). A

investigação realizada estabeleceu uma relação entre os perfis socio-demográficos das famílias, onde existe desemprego, pobreza, isolamento social e problemas económicos, com uma maior probabilidade de ocorrência de violência (Matos, 2000).

No que respeita à idade, a violência afecta preferencialmente os jovens entre os 18 e os 30 anos (Gelles & Straus, 1988; Gelles & Loseke, 1993). Esta proximidade da violência sobre os jovens é compreendida e referenciada nas teorias do desenvolvimento humano e da posição do ciclo de vida (Gillioz, De Puy & Ducret, 1997).

### **Conclusão**

A complexidade da problemática da violência constitui um entrave ao consenso entre as diferentes teorias que se propõem a adoptá-la como objecto de estudo. Contudo, torna-se importante aproveitar as explicações avançadas por cada uma delas, visando abranger todas as variáveis que constituem a violência, para, desta forma, melhor preparar uma futura intervenção. A valorização do contributo das quatro vertentes apresentadas é fundamental, pois abarcam as dimensões fundamentais à vida do ser humano: pessoais, relacionais, sociais e culturais.

## Capítulo III — Estudos e estatísticas

### Introdução

Neste capítulo serão referenciados nove estudos, quer portugueses, quer estrangeiros, que abordam a temática da violência nas relações amorosas, íntimas e sexuais. Trata-se de investigações diversificadas, que apresentam diferenças a nível da amostra seleccionada, diferentes metodologias e tipos de análise distintos. Para além destas divergências, são apresentadas diferentes definições de violência que justificam os resultados obtidos.

### 3.1. Estudos

Paiva e Figueiredo (2004), autoras do estudo “Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses”, concluíram que, quer em termos de perpetração, quer de vitimação, a agressão psicológica é o tipo de abuso que mais prevalece na amostra utilizada (50,8%), seguido da coerção sexual (25,6%) e do abuso físico sem sequelas (15,4%). No que respeita à diferença entre géneros, os homens perpetram mais coerção sexual sobre as suas companheiras e são também as maiores vítimas de abuso físico com sequelas. Neste estudo participaram 318 estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 19 e os 39 anos de idade.

O estudo “Injunctive social norms of adults regarding teen dating violence” das autoras Taylor e Sorenson (2004) teve como objectivo comparar as normas sociais dos adultos que se relacionam com violência nas relações entre adolescentes com as referentes à violência doméstica. Este estudo contou com a participação de 3679 adultos e nele participaram indivíduos de seis etnias diferentes. Utilizou-se uma metodologia qualitativa, em que a duração das entrevistas foi, em média, de 27 minutos. Os inquiridos encontravam-se a residir na Califórnia, E.U.A. Segundo as autoras, os adolescentes vítimas de violência no namoro e de experiências sexuais indesejadas têm maior probabilidade de experienciar problemas a nível psicológico, comportamental e físico. O que em muitos casos provoca baixa auto estima, desordens alimentares, abuso de substâncias, comportamentos sexuais de risco e ideação suicida (Coker, McKeown, Sanders et al., 2000 cit Taylor & Sorenzo, 2004). Os adolescentes

que tenham sido forçados a ter relações sexuais têm uma maior probabilidade de desenvolver depressões, ter relações sexuais voluntárias mais cedo e engravidarem (Taylor & Sorenson cit. in Coker, McKeown, Sanders et al., 2000; Silver, Raj, Mucci et al., 2001; Ackard & Sztainer, 2002). As conclusões do estudo referem que os adultos apoiariam uma intervenção social para prevenir ou reduzir a violência nas relações íntimas, sendo esta mais referenciada nas situações que envolviam violência sexual, violência física ou armas. Foi dado também uma maior ênfase quando havia relações sexuais forçadas na adolescência, em oposição à idade adulta. No sentido mais geral, os adultos disseram que a violência nas relações íntimas entre adolescentes era errada e deveria ser ilegal, propondo intervenção social para combatê-la.

No estudo “Violence perpetration across peer and partner relationships: co- occurrence and longitudinal patterns among adolescents”, as autoras Ozer, Tschhann, Pasch e Flores (2004), utilizaram uma amostra de 112 raparigas e 135 rapazes, com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos. O instrumento utilizado foi entrevista realizada por telefone e repetida um ano mais tarde. O objectivo foi examinar a co-ocorrência e consistência ao longo do tempo de violência entre pares, agressão sexual e violência nas relações íntimas entre adolescentes, de ambos os sexos. Os resultados do estudo indicam que os jovens do sexo masculino são mais violentos num domínio e mostravam a probabilidade de recomeçarem a violência noutros domínios, no mesmo período de tempo. Os resultados para o sexo feminino foram menos insistentes. Uma análise centrada na pessoa indicou que os sujeitos do sexo masculino perpetravam tanto violência contra pares, assim como, agressões sexuais no início (1º telefonema), tinham maior probabilidade de manifestar comportamentos violentos no futuro.

As autoras (Machado, Matos & Moreira, 2003) do estudo sobre a “Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária”, concluíram que os estudantes de sexo masculino e de anos de formação mais iniciais demonstraram atitudes mais tolerantes face à violência. Outra das conclusões a que as autoras chegaram refere-se à inexistência de diferenças de género significativas, quer quanto à vitimação, quer quanto à perpetração de actos violentos. A amostra foi composta por 526 participantes, com uma média de idades de 20 anos e frequentavam o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos de licenciaturas da Universidade do Minho.

Segundo Gameiro (2002), autora da tese de mestrado “Relações sexuais forçadas em estudantes universitários”, uma em cada quatro estudantes universitárias diz ter sido vítimas de experiências sexuais forçadas. Os beijos, carícias e a coacção sexual, ambos resultantes do uso de pressão por argumentos verbais, foram o tipo de agressão com maior prevalência. As conclusões resultam de um inquérito a 837 alunas de sete instituições de ensino superior. São 27 por cento as estudantes universitárias que afirmam ter sido vítimas de "relações sexuais forçadas", uma categoria que inclui a coacção sexual (experiências sexuais na sequência de argumentos verbais ou posição de autoridade (13,3%), os contactos indesejados (o que inclui beijos e carícias - 6,8%), a tentativa de violação (3%) e a violação (3,8%). O estudo atesta que a coacção sexual mais frequente é o uso de argumentos verbais contínuos, quando só no acto as mulheres sentem que estão a ser coagidas (Gomes, 2004). Fátima Gameiro afirma que os resultados do seu estudo reforçam a necessidade da educação sexual nas escolas incluir questões ligadas às relações forçadas, porque este tipo de comportamentos ainda está muito ligado aos estereótipos da figura masculina, a quem caberá iniciar o contacto e insistir na relação sexual como prova da sua masculinidade.

A tese intitulada "A agressividade nas relações de namoro de adolescentes" de Lucas (2002) teve como base um inquérito a 925 adolescentes dos 12 aos 17 anos. O estudo constatou que, em termos de comportamento agressivo, os adolescentes do sexo masculino apresentam índices mais elevados. A agressividade existe, no entanto, nos dois lados da relação, só que as tácticas são diferentes: os rapazes usam mais a agressividade física (onde se incluem actos como o empurrar, o pontapé, o esmurrar), as raparigas empregam a verbalidade (rebaixar o parceiro, usar um tom hostil). Segundo Lucas (2002), se há comportamentos agressivos, é preciso trabalhá-los nestas idades, no desenvolvimento do respeito, na capacidade de comunicação e discussão de afectos, assim como na desmistificação dos papéis tradicionais dos dois sexos e resolução de conflitos.

No estudo exploratório “Teen Dating Relationships” de LaVoie, Robitaille e Hébert (2000), foram usados grupos de discussão com jovens entre os 14 e os 19 anos. Neste estudo realizado com 24 grupos de jovens canadianos, os modelos exploratórios que surgiram atribuem parte da responsabilidade às vítimas. Mas, também apontam factores individuais, de casal e sociais, como por exemplo, a influência de pares e pornografia. O objectivo deste estudo foi verificar a opinião dos jovens relativamente à forma como estes vêem a violência

nas relações amorosas, como a explicam e quais os tipos de violência que identificam. Os resultados indicam que futuras investigações deverão estudar formas de abuso específicas a jovens e não programas de prevenção. Devem-se dirigir tanto à violência “consensual”, como à “não consensual”, nas relações sexuais.

Segundo Lane e Gibbs (1985), autoras de “Violence in the Context of Dating and Sex”, num estudo em que contaram com a participação de estudantes universitários, o sexo feminino revelou usar tipos mais vastos de violência que os estudantes do sexo masculino, pois estes afirmam usar formas de violência mais extremas. Os indivíduos do sexo masculino assumem também experienciar violência mais vezes e com mais do que uma parceira, e infringem mais agressões sexuais. Segundo os estudantes inquiridos, que vivem em união de facto, a sexualidade surge como uma fonte importante de violência na relação. As conclusões do estudo revelaram a incidência de violência e agressões graves maiores do que em estudos anteriores. Os estudantes do sexo feminino utilizam diferentes tácticas de conflito e os estudantes do sexo masculino infligem actos de extrema violência. O estudo revela que quase todos os inquiridos estiveram envolvidos em algum tipo de conflito (discussão, choro, mau humor...).

“Romance and Violence in Dating Relationships”, estudo de Henton, Cate, Koval, Lloyd e Christophen (1983), investiga o abuso entre casais de liceu, confirma a existência de violência entre jovens parceiros e descreve as suas reacções a estes acontecimentos abusivos. Os resultados sugerem que a violência é vista pelos indivíduos como algo não disruptivo para a relação e por vezes, é visto como algo mais. A discussão centra-se em como o romance e a violência coexistem. Utilizou-se um questionário pré- marital, em que foram inquiridos 644 estudantes, 351 do sexo masculino e 293 de sexo feminino, com uma média de 17 anos. Através dos resultados deste estudo fica claro que os adolescentes experienciam violência nas suas relações de namoro, com alguma frequência e intensidade consideráveis. Apesar de manifestarem desaprovação no que concerne à violência entre namorados ou casais (cônjuges), o que sucede é que muitos dos adolescentes incorporam actos de violência física nos seus próprios padrões de comportamento interpessoal. Os adolescentes assumem ter responsabilidade conjunta pelo início do confronto físico (não querem revelar quem iniciou). O estudo também revelou que de alguma forma a relação proporciona um ambiente que permite aos indivíduos, não só tolerar o que eles condenam nos outros casais, mas também

reagir a esses comportamentos de forma recíproca. O estudo também concluiu que o sexo masculino considera mais aceitável a violência no namoro e no casamento, do que os inquiridos do sexo feminino. Isto acontece devido à capacidade que o sexo masculino tem para ignorar o potencial impacto da violência física nas relações. Normalmente, o final das relações abusivas acontece quando encontram uma relação alternativa.

### **Conclusão**

Como se pode verificar, ainda permanecem alguns estereótipos relativos ao comportamento sexual de cada um dos sexos, não obstante alguns estudos não obterem resultados que apontem para diferenças entre os sexos no que respeita ao recurso à violência. Em outras investigações conclui-se que os indivíduos do sexo masculino são mais violentos para com as suas parceiras do que a situação oposta.

# Parte Empírica

## Capítulo IV — Metodologia

### Introdução

Nesta parte abordaremos a metodologia utilizada, definiremos o objecto e objectivo de estudo, formularemos as hipóteses que pretendem ser testadas e explicaremos como procedemos aquando da selecção da nossa amostra.

Posteriormente, iremos descrever o processo de administração dos instrumentos de análise e o consequente tratamento estatístico dos dados.

O método científico tem como objectivo tornar mais preciso o estudo de determinado fenómeno social e fornece a orientação necessária para a realização da investigação social. Então, o método é uma concepção intelectual que define um conjunto de operações para a investigação de um fenómeno social, utilizando diferentes técnicas de investigação.

#### 4.1. Objecto e objectivos de estudo

Do ponto de vista social, entende-se que o fenómeno da violência nas relações amorosas, seja ela física, psicológica ou sexual não é isolado e, como tal, deve ser reconhecido como algo complexo que necessita de uma intervenção eficaz.

Definimos o objecto de estudo desta pesquisa como a violência nas relações amorosas, focalizando-se a nossa investigação no estudo das relações amorosas, comportamentos na comunidade universitária.

Ao delinear o objecto de estudo definimos os seguintes objectivos de investigação, sendo eles:

1. Identificar e caracterizar comportamentos violentos que podem ocorrer nas relações amorosas da população universitária;

2. Identificar o predomínio das diferentes formas de violência nas relações amorosas, analisando o ponto de vista da vítima e do agressor;
3. Verificar se há diferenças ao nível dos comportamentos de agressão e/ou vitimação em função de variáveis certas demográficas.

#### 4.2. Hipóteses

As hipóteses derivam de uma reflexão teórica ou de um conhecimento de determinado fenómeno social estudado, isto é, da observação dos factos de outras teorias já realizadas ou ainda a partir de teorias que tem origem na intuição. Segundo Bravo (1995), é muito importante que o investigador tenha inteligência, imaginação e intuição.

Segundo Lakatos e Marconi (1994), a hipótese pode ser considerada como um enunciado geral de relação entre variáveis, formulado como solução provisória para um determinado problema que apresentando um carácter explicativo ou preditivo, é compatível com o conhecimento científico e revela consistência lógica. As hipóteses são ainda passíveis de verificação empírica.

A hipótese nunca deverá contradizer a verdade já explicada, a escolha da hipótese deve ter sempre em conta a sua simplicidade e esta deve ser passível de experimentação pelos factos. Assim, dizia Newton. " *Não invento hipóteses*".

As hipóteses são ferramentas imprescindíveis para o avanço do conhecimento científico, porque elas podem ser testadas e mostradas como provavelmente correctas ou incorrectas. No entanto, para que as hipóteses sejam úteis necessitam de ser testáveis, pois uma hipótese que não seja testável não tem utilidade científica. Ou seja, é necessário identificar as variáveis de uma hipótese, para que possam ser medidas, e assim debruçar o nosso estudo nas relações entre elas.

Há várias maneiras de formular hipóteses, no entanto a mais comum é “Se x então y”, em que x e y são variáveis ligadas entre si pelas palavras “se” e “então”. Todavia, algumas hipóteses também podem estabelecer uma relação de dependência entre duas ou mais variáveis. Estas variáveis estabelecem que uma variável interfere na outra.

Segundo Kerlinger (1980) “Variável pode ser classificada em duas ou mais categorias”.

As variáveis formam igualmente o objecto do método científico, dado que este opera com elas nas diferentes fases da investigação, designadamente: na observação, classificação, análise e explicação (Bravo, 1985).

Davis (1971) distingue nas variáveis os seguintes quatro elementos:

- a) um nome
- b) alguma espécie de definição verbal
- c) um conjunto de categorias
- d) um procedimento para realizar a classificação das unidades de observação nas categorias.

Sendo assim, as variáveis presentes neste estudo, categorizam-se em variáveis independentes (que correspondem à ideia de causa) e variáveis dependentes (que correspondem à ideia de efeito produzido).

Neste estudo, foram então, consideradas como variáveis dependentes os comportamentos dos jovens universitários, face à violência nas relações íntimas. Foram consideradas as seguintes variáveis independentes relevantes para o estudo: (1) género: feminino e masculino (2) idade: dos 18 aos 50 anos (3) ano da licenciatura: 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano e 5º ano (4) Licenciaturas: Serviço Social, Psicologia, Eng. Informática, Eng. Ambiente, Marketing, Gestão, Economia e Finanças, Eng. Civil, Arquitectura, Relações Internacionais, Eng. Comunicação, Ciências da Comunicação, Relações Públicas e Literatura Comparada (5) Estado civil: Solteiro, casado ou em união de facto e separado ou divorciado.

**Hipóteses formuladas.** Face à problemática teórica definimos as seguintes hipóteses:

#1-“As relações amorosas de jovens universitários não deixam de estar marcadas por comportamentos de violência independentemente das características específicas deste grupo” (Lane & Gibbs, 1985; Henton, Cate, Koval, Lloyd & Christophen, 1983).

#2-“Considerando a experiência de mais do que um relacionamento amoroso na vida dos sujeitos, existirá diferenças na perpetração de violência no passado para o presente, assumindo os jovens universitários terem cometido mais actos violentos nas relações anteriores do que nas actuais” (Machado, Matos & Moreira, 2003).

#3 -“A violência sexual figurará também nesta população como uma forma de agressão no âmbito das relações amorosas, afirmando os jovens de género feminino a experiência desse tipo de vitimação” (Gameiro, 2002; Taylor & Sorenson, 2004).

#4-“No que respeita aos relacionamentos amorosos actuais, há diferenças em função do género, quer na perpetração de actos violentos quer na vitimação, apresentando-se os rapazes como os que mais agridem, como os que mais são vitimados” (Paiva & Figueiredo, 2004).

#5-“No que respeita aos relacionamentos amorosos do passado, há diferenças em função do género, quer na perpetração de actos violentos quer na vitimação, apresentando-se os rapazes como os que mais agridem, como os que mais são vitimados” (Paiva & Figueiredo, 2004).

### **4.3. Instrumentos**

Utilizaremos inquéritos por questionários elaborados e testados previamente que serão usados para medir os comportamentos desta população.

O instrumento que iremos utilizar é designado por I.V.C.-2 (Inventário de comportamentos de violência nas relações íntimas), cujos autores são Machado, Matos e Gonçalves (2001).

Este instrumento é composto por 21 itens que pretendem analisar as relações passadas e as relações presentes, dos inquiridos. A primeira parte refere-se a comportamentos violentos que o participante tenha sofrido no último ano. A segunda, por sua vez, refere-se a comportamentos abusivos que o participante tenha sofrido no passado no contexto de qualquer relação amorosa que tenha mantido. Em ambas as partes é pedido aos participantes que refiram a frequência dos comportamentos abusivos quando estes existem. Os itens reflectem comportamentos abusivos no contexto de relacionamentos íntimos, nomeadamente comportamentos físicos e emocionalmente abusivos, comportamentos de intimidação e comportamentos sexualmente abusivos.

O IVC 2, para além de permitir conhecer as diferentes formas de violência dirigidas aos participantes, também dá informação acerca dos comportamentos abusivos dos participantes dirigidos ao seu parceiro. Permite-nos também identificar a frequência com que ocorrem estes tipos de violência ao longo da vida e igualmente distinguir a sua incidência no momento actual.

#### **4.4. Procedimentos**

A administração dos questionários ocorreu na Universidade Fernando Pessoa, no período de 14 a 16 de Junho de 2004. O mesmo instrumento foi administrado aos alunos no decorrer das aulas, tendo-se obtido autorização prévia por parte da reitoria e das referidas faculdades para a condução do estudo, abordando posteriormente os docentes das respectivas turmas que participaram na investigação. Antes da administração dos questionários foi explicado o objectivo do estudo, assim como anónimo e voluntário da participação. Terminado o preenchimento do questionário, os sujeitos deixavam o mesmo em cima da mesa, ou então entregavam-no com o devido cuidado para manter o anonimato. O tempo médio para o preenchimento do instrumento foi de cerca de 15 minutos.

#### **4.5. Caracterização da amostra**

A nossa amostra é composta por 227 estudantes, de 14 licenciaturas, da Universidade Fernando Pessoa (Sede-Porto) perfazendo 11% do universo escolar. Para a constituição da

referida amostra procedemos segundo um tipo de amostragem aleatória entre os alunos da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais e alunos da Faculdade de Ciências e Tecnologia. A preocupação com a distribuição dos inquiridos prendeu-se, essencialmente, com a distribuição por géneros.

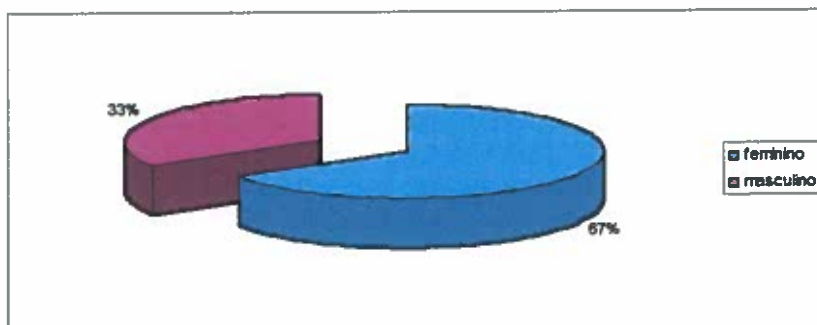


Figura 1: Distribuição da amostra em função do género

Como foi referido anteriormente, a nossa amostra final é composta por 227 participantes, 151 do sexo feminino e 76 de sexo masculino com idades compreendidas entre os 18 e 50 anos e a média de idades é de 24 anos, com um desvio padrão de 4,164. Esta amostra teve em conta a população total da Universidade Fernando Pessoa.

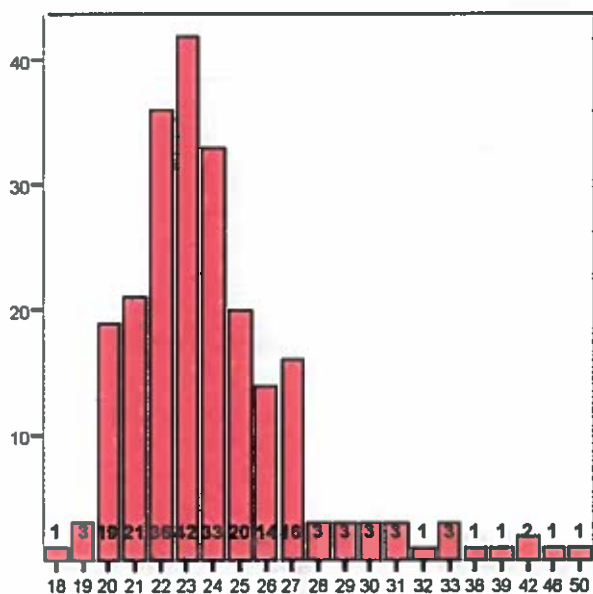


Figura 2: Distribuição da amostra em função da idade

Dos sujeitos inquiridos, 163 frequentam a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais e 64 a Faculdade de Ciências e Tecnologia. Os participantes estão divididos pelos seguintes cursos: Serviço Social, Psicologia, Engenharia do Ambiente, Engenharia Civil, Engenharia Informática, Gestão, Economia e Finanças, Arquitectura e Urbanismo, Marketing, Relações Internacionais, Ciências da Comunicação, Relações Públicas, Engenharia da Comunicação e Literatura Comparada.

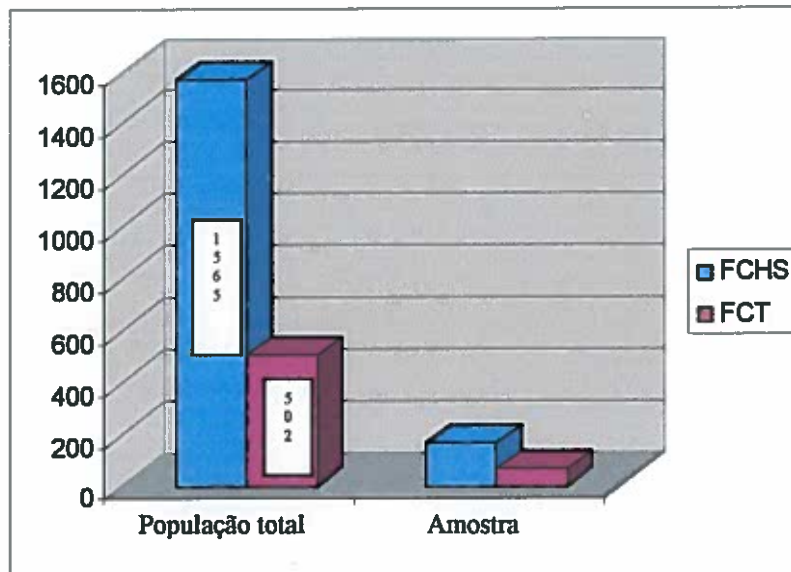


Figura 3: Distribuição da amostra em função da população

Tentámos repartir a nossa amostra entre os alunos que estão a começar a sua formação, e os alunos que estão a finaliza-la. Assim, verificámos que 1 aluno frequenta o primeiro ano, 37 frequentam o segundo ano, 55 frequentam o terceiro ano, 105 frequentam o quarto ano e 29 o quinto ano, das respectivas licenciaturas.

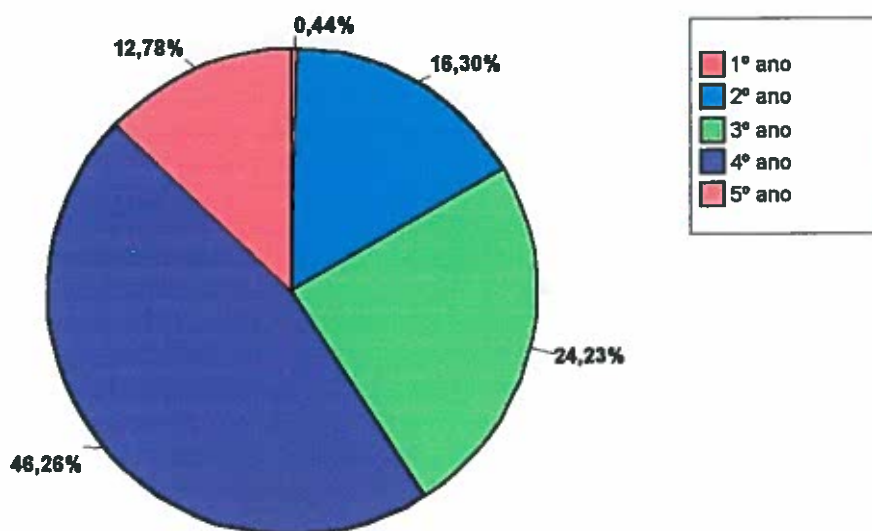


Figura 4: Distribuição da amostra em função do ano escolar

Dos sujeitos inquiridos, 212 são solteiros, 12 são casados ou vivem em união de facto e 3 são divorciados ou separados.

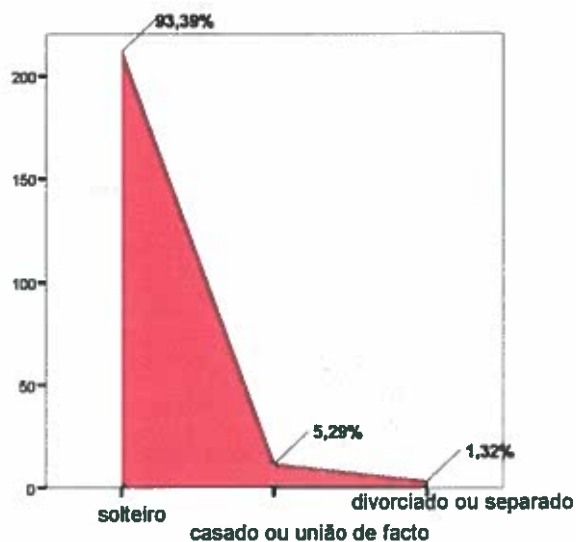


Figura 5: Distribuição da amostra em função do estado civil

Relativamente ao seu envolvimento afectivo, 152 dos participantes mantêm relações actuais, enquanto que 75 não mantêm qualquer tipo de relação amorosa.

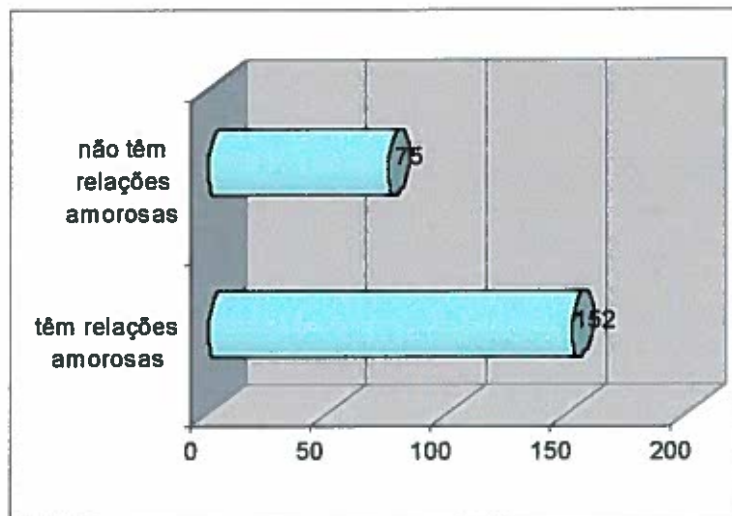


Figura 6: Distribuição da amostra em função das relações amorosas actuais

De acordo com a nossa amostra de 227 participantes, 217 já estiveram no passado envolvidos com alguém do ponto de vista amoroso. Enquanto que 10 sujeitos revelaram nunca ter tido nenhuma relação amorosa no passado.

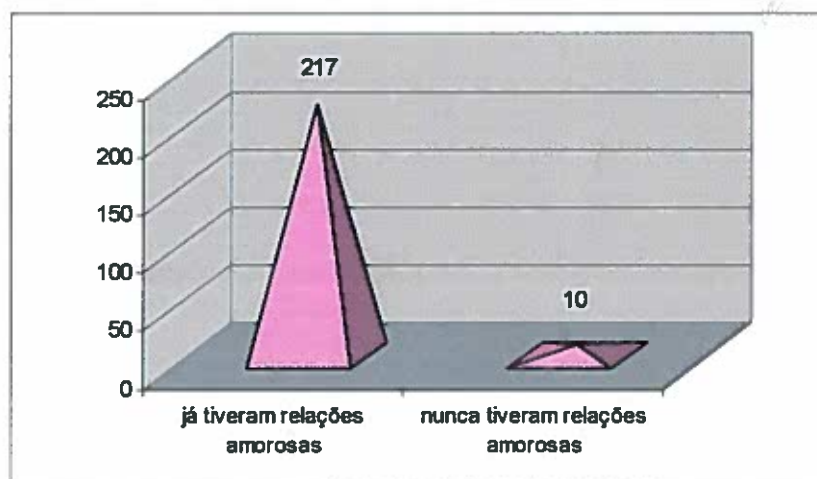


Figura 7: Distribuição da amostra em função das relações amorosas passadas

## 4.6. Apresentação dos resultados

### 4.6.1. Comportamentos de violência nas relações amorosas

#### *a) Análise descritiva*

Tendo em conta os sujeitos que mantêm relações amorosas actualmente, 52% admitem ter adoptado comportamentos violentos, pelo menos uma vez, com o seu/sua parceiro/a e 42% admitem ter sido vítimas de pelo menos um acto abusivo. No que se refere a relações passadas 33% admitem ter praticado pelos menos um acto abusivo nos seus relacionamentos, enquanto que 41% afirmam terem sido vitimados pelos seus parceiros amorosos. Convém salientar que estes actos podem ter surgido como um acontecimento isolado e não como uma prática recorrente.

Após a análise dos diversos comportamentos compreendidos no IVC-2, verificámos que os actos mais usualmente perpetrados nas relações presentes dos sujeitos inquiridos, alistam-se naquilo que podemos denominar de violência psicológica: insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou “ferir”, sendo que 10,6% dos sujeitos assumem ter perpetrado tais actos, enquanto que 11,9% assumem ter sido vítimas destes comportamentos. No que respeita a actos como o gritar ou o ameaçar com intenção de causar medo, 9,7% dos sujeitos inquiridos assumiram ter agredido a/o companheira/o mais do que uma vez, enquanto 7% admitem ter sido vitimados pelo seu/sua companheiro/a. Quando referimos o acto de partir ou danificar coisas intencionalmente (ex. móveis, objectos pessoais) ou deitar a comida para o chão para meter medo, 4% dos sujeitos diz já o ter feito e 2,2% diz que já lhe fizeram.

No que se refere às relações afectivas passadas foram encontrados resultados idênticos, mas ao nível da violência psicológica e física, com excepção dos seguintes actos: 4% diz já ter puxado e lhes terem puxado os cabelos com força. Dos sujeitos inquiridos, 7% afirma ter recebido e empregado bofetadas, mais do que uma vez nas suas relações 2,2% diz ter perseguido na rua, no emprego ou no local de estudo para causar medo, enquanto que 5,3% diz já ter sido vítima de perseguição.

Convém salientar que actos de violência física também estão presentes no estudo, são exemplos disso o apertar o pescoço, onde 1,3% afirma já ter perpetrado e 3,1% afirma ter sido vítima. 2,6% e 4,4% assumem ter puxado o cabelo com força aos seus companheiros e terem sido puxados, respectivamente. Por outro lado, 2,2% diz ter dado um murro no companheiro e 2,6% diz ter sido vítima. Quando nos referimos ao uso de armas (ex. faca, pistola, objectos cortantes) para ameaçar ou ao uso de força física, 0,9% revela já o ter feito e 1,3% revela ter sido vitimada. Questionados sobre o facto de dar um murro à/ao companheira/o, 2,2% afirma já o ter feito e 2,6% revela já lhe terem feito. Dos sujeitos inquiridos 6,2% confessa já ter empurrado violentamente a companheira e 5,7% diz já ter sido empurrada mais do que uma vez. Quando referimos os actos sexuais contra a vontade, 0,9% dizem ter sido forçado e forçar alguém a fazê-lo. Quando abordados sobre o facto de já terem perpetrado ou serem vítimas de uma sova 1,3% diz já o ter feito e 0,9% diz ter sido vítima. Os resultados obtidos tanto no presente, como no passado foram muito idênticos, por esse motivo não houve a necessidade de separar os itens por diferentes momentos.

Ao confirmar-se a hipótese #1, mostrou-se que ocorrem actos violentos entre os jovens universitários, não havendo, desta forma, condicionantes relativas ao carácter *sui generis* do grupo. Estas referem-se ao facto deste ser constituído por indivíduos com uma média de idades de 24 nos, na sua maior parte solteiros e com frequência no ensino superior.

Relativamente à hipótese #2, verificamos que os jovens universitários admitem o uso de mais violência nas suas relações actuais do que nas passadas, contrariamente ao esperado. Assim, esta hipótese foi infirmada, na medida em que os universitários que participaram no estudo referiram ter perpetrado mais actos de violência no presente.

A hipótese #3 confirma-se na medida em que alguns indivíduos do género feminino, que participaram no estudo, admitiram terem passado por experiências abusivas de carácter sexual.

b) *Análise diferencial*

Como podemos verificar através da análise do quadro I, relativamente ao total de agressões no presente, o género masculino apresenta uma média superior ao género feminino, acompanhado de um desvio padrão também superior. Assim, a partir da leitura do Test T de *Student* ( $t=2,959$ ; g.l.= 150;  $p<.004$ ) constatámos que existem diferenças estatisticamente significativas ( $p<.01$ ) entre os géneros, denunciando que os rapazes fazem mais uso de actos violentos nos seus relacionamentos amorosos actuais.

QUADRO I – Teste T de *Student* para análise de diferenças de género no presente

Variáveis	Género	N	Média	D. Padrão	t	g. l.	p.
Total de Agressões no Presente	Masc.	47	23,79	6,884	2,959	150	.004
	Fem.	150	21,14	4,056			
Total de Vitimações no Presente	Masc.	47	23,85	7,506	3,028	147	.003
	Fem.	102	21,05	3,944			

Quando nos deparámos com o total de vitimações no presente, novamente o género masculino apresenta uma média e um desvio padrão superior ao género feminino. Através da aplicação do Test T de *Student* ( $t=3,028$ ; g.l.=147;  $p<.003$ ) verificámos existirem diferenças estatisticamente significativas ( $p<.01$ ), que demonstram os rapazes, mais que as raparigas, reconhecem ter sido objecto de comportamentos violentos nos seus relacionamentos amorosos actuais.

Outra conclusão a que podemos chegar, através da observação dos resultados, deve-se ao facto de tanto a agressão como a vitimação, no presente, apresentarem níveis de significância muito próximos.

Assim, confirma-se a hipótese #4 uma vez que os indivíduos do género masculino se apresentam como mais perpetradores e mais vitimados do que as raparigas.

Relativamente às relações amorosas passadas e tendo em conta o nosso quadro II, constatámos que o género masculino apresenta, mais uma vez, a média e o desvio padrão superior ao género feminino. Os resultados quanto à agressão ( $t=2,647$ ; g.l.= 215;  $p<.009$ ) revelam existir diferenças estatisticamente significativa para  $p<.01$ , indicando que já nas relações do passado, este grupo de rapazes fazia mais uso que o grupo de raparigas de actos violentos nos seus relacionamentos amorosos.

QUADRO II – Teste T de *Student* para análise de diferenças de género no passado

Variáveis	Género	N	Média	D. Padrão	t	g. l.	p.
Total de Agressões no Passado	Masc.	72	22,94	5,637	2,647	215	.009
	Fem.	145	21,17	4,064			
Total de Vitimações no Passado	Masc.	69	22,75	4,364	1,694	211	.092
	Fem.	144	21,58	4,878			

Tendo em conta as relações amorosas passadas e quanto à vitimação, verificamos uma média mais elevada no género masculino e o desvio padrão mais elevado no feminino. Todavia, constatámos pela análise do quadro II que não há diferenças estatisticamente significativas entre os géneros ( $t=1,694$ ; g.l.= 211;  $p<.092$ ), pelo que, no que se refere à hipótese #5, os resultados foram parcialmente confirmatórios, conduzindo-nos à infirmação da presente hipótese.

#### 4.7. Discussão dos resultados

Fazendo uso de uma base generativa previamente escolhida, foram construídas hipóteses de investigação que orientaram o nosso estudo. Os resultados obtidos foram de encontro à bibliografia consultada, com a excepção das diferenças encontradas na ocorrência de violência nas relações passadas, ocorrência esta que não se revelou superior à ocorrência de violência nos relacionamentos actuais. Uma análise mais aprofundada permitiria uma interpretação dos resultados mais alargada. Desta forma, a discussão dos resultados terá por base uma plausibilidade, evitando assim chegar a conclusões abusivas.

Tendo em conta dos resultados apresentados e os estudos efectuados neste âmbito, a hipótese #1 “As relações amorosas de jovens universitários não deixam de estar marcadas por comportamentos de violência independentemente das características específicas deste grupo” foi confirmada, na medida em que 52% dos inquiridos admitem ter agredido o seu companheiro amoroso e 42% admitem terem sido vitimados nas suas relações. Nos resultados do estudo de Henton, Cate, Koval, Lloyd e Chistophen (1983) ficou claro que os adolescentes experienciam violência nas suas relações amorosas, com alguma frequência e intensidade consideráveis. O estudo de Lane e Gibbs (1985) revela a incidência de violência e agressões graves entre os pares amorosos. O estudo também divulga que quase todos os inquiridos estiveram envolvidos nalgum tipo de conflito. Nas relações amorosas, os jovens parecem tolerar e exercer violência como meio de atingir os seus objectivos, que poderão passar pelo controlo do companheiro e pela diferenciação dos papéis nessas relações de afecto. A violência interpessoal não pode ser separada dos factores culturais e estruturais da sociedade, sendo por isso importante contextualizar estes comportamentos no período histórico-cultural em que vivemos.

Atendendo a que o instrumento utilizado contemplou diversos comportamentos tidos como violentos, tornou-se necessário categorizá-los segundo parâmetros que fomos buscar à teoria consultada. Desta forma, optamos por considerar três categorias: a violência física, a violência psicológica e a violência sexual. Na primeira integram-se actos como puxar cabelos, dar bofetadas, apertar o pescoço, dar murros, fazer uso de armas, empurrar, dar uma sova (APAV, 1998; Lourenço & Carvalho, 2001). Quanto à violência psicológica consideramos actos como difamar, insultar, humilhar, gritar, ameaçar, danificar objectos, deitar a comida para o chão como intuito de causar medo, perseguir, atirar com objectos a outro (Lourenço e Carvalho, 2001). Dentro da violência sexual inclui-se forçar a prática de actos sexuais (Walker, 1994).

A hipótese #2 “Considerando a experiência de mais do que um relacionamento amoroso na vida dos sujeitos, existirá diferenças na perpetração de violência no passado para o presente, assumindo os jovens universitários terem cometido mais actos violentos nas relações anteriores do que nas actuais” não se comprova, na medida em que a percentagem dos actos violentos é mais alta nas relações actuais do que nas passadas. Contrariamente no estudo de Machado, Matos e Moreira (2003), as relações amorosas passadas dos sujeitos inquiridos mencionam comportamentos de agressão e vitimação ligeiramente superiores às relações

presentes. Os nossos resultados podem eventualmente ser compreendidos se atendermos a potenciais processos de aprendizagem que subjazem à aquisição de uma conduta. Senão vejamos, um perpetrador que inicie os comportamentos violentos nas suas primeiras relações e se estes não são condenados socialmente, poderá apreender que agressão é algo legítimo e que a violência poderá ser um método indicado para resolver conflitos. Como tal, a agressividade tenderá a aumentar face à sua legitimação. Pode-se tomar como exemplo a transmissão intergeracional da violência: se determinados comportamentos violentos que têm lugar no seio familiar são aceites, a tendência será para que ocorram num maior número de vezes, aumentando também a sua gravidade.

Comprova-se a hipótese #3 “A violência sexual figurará também nesta população como uma forma de agressão no âmbito das relações amorosas, afirmando os jovens de género feminino a experiência desse tipo de vitimação”, apesar de não poder assumir grande relevância uma vez que o instrumento falha por apenas apresentar um item direccionado para a violência sexual. O estudo de Gameiro (2002) contempla itens relacionados somente com a violência sexual, daí a elevada taxa de incidência registada. Por seu lado, Taylor e Sorenson (2004) desenvolveram uma investigação que tentou abranger diferentes tipos de violência, entre os quais a violência sexual, que obteve resultados positivos no que respeita à ocorrência nas relações de namoro. É possível que estes resultados se devam à ideologia dominante na sociedade patriarcal, onde a mulher assume um papel passivo e de submissão às vontades do homem (Doerner, 1995). Apesar de abrangermos uma população jovem, há estereótipos enraizados que podem modelar não só condicionar comportamentos, atitudes e crenças dos indivíduos, como também influenciar a enunciação pública dos mesmos.

A hipótese #4 “No que respeita aos relacionamentos amorosos actuais, há diferenças em função do género, quer na perpetração de actos violentos quer na vitimação, apresentando-se os rapazes como os que mais agredem, como os que mais são vitimados” foi confirmada.

Podemos conjecturar que a vitimação das mulheres é encarada como algo mais normativo, talvez porque socialmente mais minimizada quer em termos factuais (relativa à visibilidade estatística) quer discursivos (relativa às cifras negras) comparativamente à violência exercida sobre os homens. Porém, a vitimação não é exclusiva de um género, assim como a agressão não é uma característica própria dos homens, todavia associar as mulheres à perpetração de

violência contra os seus companheiros assume contornos pouco normativos. Nesta explicação podemos encontrar talvez uma resposta para admissão diferenciada de comportamentos associados à violência. Todavia, há também que perceber que a violência não é necessariamente unidirecional, nem todas as vítimas são passivas e a resposta à agressão surge muitas vezes com um propósito defensivo, retaliatório ou mesmo estratégico (Straus, 1993, cit. Holden, 1998). Portanto, não se exclui a possibilidade de que quem agride possa ser também vítima de violência, podendo o género masculino sobressair na representação do fenómeno da agressão, mas igualmente da vitimação.

A infirmação da hipótese #5 “No que respeita aos relacionamentos amorosos do passado, há diferenças em função do género, quer na perpetração de actos violentos quer na vitimação, apresentando-se os rapazes como os que mais agredem, como os que mais são vitimados” deveu-se ao facto dos resultados não sustentarem a totalidade da afirmação. Embora, no que respeita à vitimação não se encontrem diferenças significativas entre os géneros, a média para a agressão sofrida é um pouco mais alta nos sujeitos do género masculino.

Os resultados obtidos, quer na hipótese #4 quer na hipótese #5, podem revelar um maior à-vontade dos indivíduos para revelarem as experiências de vitimação, deixando um pouco de lado a imagem estereotipada do homem másculo que “não chora”.

Ao contrário dos preconceitos existentes na sociedade, os homens surgem como aqueles que são mais vitimizados pelas companheiras, no que se refere ao sofrimento de abusos físicos e psicológicos. Porém, torna-se interessante comparar estes resultados com as estatísticas disponíveis relativas à vitimação que apontam para um maior número de vítimas do género feminino (APAV, 2003). Esta discrepância poderá ser explicada pela metodologia utilizada para a recolha de dados, uma vez que, enquanto que a informação da APAV foi adquirida junto de pessoas que procuram ajuda pois assumem que são vítimas, o nosso estudo contou com a recolha de dados numa amostra específica, não associada directamente a comportamentos violentos nas relações. Poderá considerar-se que se torna mais fácil assumir o papel de vítima numa situação em que é preservada a identidade da pessoa, realçando as exigências feitas pela sociedade aos indivíduos do género masculino, tidos como “sexo forte”.

#### 4.8 Limitações e propostas para novos trabalhos

O presente estudo baseou-se numa observação que se prolongou durante cerca de um ano. Neste espaço temporal, surgiram algumas dificuldades e identificamos determinadas limitações, quer de ordem metodológica, quer de outra natureza.

Houve alguma dificuldade na condução do estudo, nomeadamente no que concerne à recolha de dados, uma vez que o tempo disponível para esta recolha foi muito reduzido, o que condicionou a amostra utilizada.

Outra das restrições que destacamos reporta ao facto do IVC-2 ser administrado a apenas um dos membros de casal, o que faz com que só acedamos a uma perspectiva, de entre duas possíveis, inviabilizando a comparação da informação recolhida.

Distanciando-nos um pouco do nível da recolha de dados, e reportando-nos à análise de dados e reflexões, também nos deparamos com algumas dificuldades, particularmente no que respeita à integração teórica com os resultados obtidos. Tratando-se de uma problemática onde as linhas de investigação tardam a chegar, o que se traduz por um número reduzido de estudos a ela dedicados, a pesquisa bibliográfica teve de ser alargada a produções de outros países, com outras realidades sociais. Se a tal não tivéssemos recorrido, apenas contaríamos com escassos dados do nosso país, o que comprometeria a fundamentação teórica que orientou o nosso estudo.

Após análise e discussão dos resultados consideramos pertinente propor linhas de investigação futura que permitam o aprofundar do estudo da problemática em questão. Como tal, pensamos ser útil ter em conta estratégias que nos permitam compreender a sequência interactiva e o contexto em que surgem os actos abusivos.

Outra proposta que avançamos refere-se à utilização de vários tipos de metodologias, ou seja, recorrer tanto a métodos quantitativos como a métodos qualitativos, o que não só iria fornecer

maior rigor ao conhecimento da violência nas relações amorosas como iria providenciar melhores meios para entender as relações entre género e violência.

A pesquisa levada a cabo deverá abranger amostras que considerem, para além dos estudantes do ensino secundário e do ensino universitário, outros grupos com diferentes formações escolares. Para além disso, há factores importantes a ter em conta como, por exemplo, o nível socio-económico, a profissão e diferentes grupos étnicos.

## Conclusões Finais

Este estudo contribui para um maior conhecimento da realidade da violência na população universitária, possibilitando uma integração profissional para se projectarem estratégias de prevenção e actuação adequadas às diferentes situações.

Se a violência se apresenta como um fenómeno complexo, adquire qualidades mensuráveis através dos comportamentos. Estes, por sua vez, assumem vários tipos e estão sujeitos às categorizações disponíveis no meio científico. É certo que algumas das classificações avançadas podem levantar algumas dúvidas mas é essencial operacionalizar os conceitos envolvidos, por mais difícil que a tarefa possa vir a revelar-se.

A investigação que levamos a cabo direccionou-se para a área das relações amorosas, constructo que abarca toda uma panóplia de ligações mas que, neste caso, teve uma maior ênfase nas relações de afecto sem vínculo conjugal, aproveitando o momento histórico-cultural que atravessamos, onde há, aparentemente, uma maior abertura das mentalidades relativamente a este tipo de relações.

A população universitária constitui um grupo específico, dotado de características particulares que, com certeza, influenciaram os resultados obtidos. Mais há a acrescentar que, tendo-se optado por recolher dados junto de alunos da Universidade Fernando Pessoa, condicionámos as generalizações à totalidade da população universitária existente.

A violência nas relações tem sido uma temática muito em voga nos últimos tempos, nomeadamente a violência doméstica, merecendo um especial destaque nos meios de comunicação social. No entanto, é importante reflectir sobre a relevância de definir um dia como “Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres”, assinalado a 25 de Novembro. Será que o facto de definir um dia específico para tal não acaba por conduzir ao esquecimento da problemática nos restantes dias do ano? Quais serão as vantagens (e desvantagens) resultantes destas iniciativas?

Após a análise efectuada podemos afirmar que há violência nas relações e esta pode ser perpetrada tanto por mulheres como por homens. No entanto, no nosso estudo verificou-se que os sujeitos do género masculino perpetram mais violência do que as mulheres, nomeadamente abusos de índole sexual, cingindo-se as últimas à agressão física e psicológica contra os seus companheiros. Se atendermos a estes resultados, notamos que a mulher transgride os papéis sociais conservadores que lhe são atribuídos: ao admitirmos que o recurso à violência pode estar associado à luta pelo poder na relação, a mulher legitima a agressão como estratégia. No entanto, esta semelhança nos valores encontrados a nível da perpetração poderá ser devida à utilização dos diferentes tipos de abuso como forma de auto-defesa (Straus & Gelles, 1990). Prevalece, porém, a ideia de que existem diferenças ténues entre os géneros.

Os resultados relativos à comparação dos comportamentos violentos em relações passadas e presentes, notou-se uma maior prevalência dos actos violentos nas ligações actuais. Isto poderá ser devido à desvalorização das experiências passadas face a situações presentes, cujos efeitos ainda não foram esquecidos. Relativamente a estas agressões e a uma possível intervenção, importa sensibilizar, não só as vítimas, como também os perpetradores, do perigo da escalada da violência, aumentando o risco de ocorrerem situações mais graves e repetidas.

Relativamente à função do Assistente Social, este deverá transmitir ao sujeito desde o início do processo de apoio qual o seu papel neste mesmo processo, tentando desmistificar a ideia, que muitas vezes existe, de que se irão solucionar todos os seus problemas. Deve-se tentar clarificar quais as funções e as possíveis limitações naquele processo, tornando-se assim necessário a clarificação dos papéis, não só do técnico, como do utente e de todos os agentes sociais envolvidos.

Relativamente à intervenção no terreno, o Serviço Social tem como principal característica averiguar a veracidade dos factos, trabalhando em rede. No entanto, esta vertente deve ser adoptadas consoante os diferentes contextos de intervenção. Neste caso concreto, não nos poderíamos cingir apenas às respostas obtidas pelo IVC-2, sendo mais prudente recorrer à recolha de dados através de outras metodologias, entre as quais a observação.

O Assistente Social deverá elaborar diagnóstico da situação relacional, social e institucional da pessoa, tendo em conta as necessidades peculiares, de forma a tornar possível uma adequada mediação entre o utente e as redes de suporte chamadas a intervir no processo de apoio. Com a mediação visa-se a obtenção de bens e serviços que permitam a autonomização da vítima ou agressor, satisfazendo assim as necessidades sociais desencadeadas pela vitimação (Roberts, 1984).

O Assistente Social deverá sempre respeitar o indivíduo enquanto pessoa, assim como deverá respeitar as suas opções de vida. A máxima “cada caso é um caso” estará sempre presente.

Em termos pessoais gostaríamos ainda de salientar, que o estudo da problemática permitiu a aprendizagem de novos conhecimentos sobre a temática apresentada. Não descurando a continuação de novas investigações.

## Bibliografia

Agra, C. (2001). *Elementos Para Uma Epistemologia da Criminologia*. Coimbra, Coimbra Editora.

Alarcão, M. (2002). *(Des) Equilíbrios Familiares*. Coimbra, Quarteto Editora.

Antunes, F. (2003). Violência e vítimas em contexto doméstico. In R. A. Gonçalves & C. Machado (Coords.). *Violência e vítimas de crimes: Vol. 1 Adultos*. 2ª Edição. Coimbra, Quarteto Editora, pp. 43-77

Arriaga, X. B. & Stuart, O. (1999). *Violence in intimate relationships*. Thousand Oaks, Sage Publications.

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (1998). *Manual de Procedimentos*. Lisboa, APAV

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2003). *Estatísticas APAV 2003*. Disponível em <[www.apav.pt/estatisticas](http://www.apav.pt/estatisticas)>. [Consultado em 10-11-04].

Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: a social cognitive theory*. Englewood Cliffs, Prentice- Hall.

Capela, B. (2003). APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (de crime). In R. A. Gonçalves & C. Machado (Coords.). *Violência e vítimas de crimes: Vol. 1 Adultos*. 2ª Edição. Coimbra, Quarteto Editora, pp. 291-301.

Costa, M. E. & Duarte, C. (2000). *Violência familiar*. Porto, Âmbar.

Díaz, G. (1990). *Vitimologia*. Valência, Tirant lo Blanch.

Doerner, W. D. & Lab, S. P. (1995). *Victimology*. Cincinnati, Anderson Publishing Co.

Fawcett, B., Featherstone, J., Hearn, J. & Toft, C. (1996). *Violence and gender relations: Theories and interventions*. London, Sage publications.

Gameiro, F. (2002). *Relações sexuais forçadas em estudantes universitários*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre em Sexologia. Lisboa, Universidade Lusófona.

Gelles, R. J. (1997). *Intimate violence in families*. California, Sage Publications.

Gelles, R.J. & Loseke, D. R. (1993). *Current controversies on families violence*. London, Sage Publications.

Gelles, R. J. & Straus M. A. (1988). *Intimate violence. The causes and consequences of abuse in american families*. New York, Simon and Schuster.

Gillioz, L. De Puy, J. Ducret, V. (1997). *Domination et violence envers la femme dans le couple*. Suisse, Editions Payot Lausanne.

Gonçalves, R. & Machado, C. (2002). Vitimologia e Criminologia. In R. Gonçalves & C. Machado (Coords.). *Violência e vítimas de crimes: Vol. 1 Adultos*. Coimbra, Quarteto Editora, pp. 18-41.

Gover, A. R. (2003). Risky lifestyles and dating violence: A theoretical test of violent victimization. *Journal of Criminal Justice*. 32, pp. 171-180.

Henton, J., Cate, R., Koval, J., Lloyd, S., Christopher, S. (1983). Romance and violence in dating relationships. *Journal of family issues*, vol.4, 3 pp. 467-482.

Hirigoyen, M. (1999). *Assédio Coacção e Violência no Quotidiano*. Lisboa, Pergaminho.

- Holden, G. W. (1998). Introduction: the development of research into another consequence of family violence. In G. W. Holden, R. Geffner & E. N. Jouriles (Eds.), *Children exposed to marital violence. Theory, research and applied issues*. Washington, American Psychological Association. pp. 1-18
- Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: a review of the literature. *Agression and violent behaviour*, vol. 4 , 2, pp. 233-247.
- Jewkes, R. (2002). Intimate partner violence: causes and preventions. *The Lancet*, vol.359, pp. 1423-1429.
- Kerlinger, F. (1980). *Metodologia da pesquisa em ciências sociais*. 4ª reimpressão. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária.
- Lakatos, E. E Marconi, M. (1994). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo, Atlas Editora.
- Lane, K. E. & Gwartney-Gibbs, P. A. (1985). Violence in the Context of Dating Violence. *Journal of Family Issues*. vol.6 nº1. pp. 45-59
- Lavoie, F., Robitaille, L., Hébert, M. (2000). Teen dating relationships and aggression. *Violence Against Women*, vol 6, 1, pp. 6-36.
- Lewis, F., Fremouw, W. (2001). Dating violence: a critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, vol 21. 1, pp. 105-127.
- Lourenço, N. (1997). *Violência contra as mulheres*. Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

Lourenço, N. & Carvalho, M.J.L.(2001). *Violência doméstica: conceitos e âmbitos. Tipos e espaços de violência*. Separata. Themis. Revista da Faculdade de Direito da UNL. Ano II-nº3.

Lucas, S. (2002). *A agressividade no namoro de adolescentes*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre em Sexologia. Lisboa, Universidade Lusófona.

Machado, C., Matos, M. & Moreira, A.I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 3. pp. 69-83.

Manita, C., Negreiros, J., Agra, C. (2000). Determinações e Significações da Relação Droga-Crime. In C. da Agra (dir.). *Projecto Droga-Crime – Estudos Interdisciplinares*. Porto, Centro de Ciências do Comportamento Desviante. (Vol. XI). pp. 59

Matos, M. (2000). *Violência conjugal: o processo de construção de identidade da mulher*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre em Psicologia, na especialidade de Psicologia da Justiça. Braga: Instituto de educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Marques Teixeira, J. & Manita, C. (2001). *Psychological and psychiatric consequences of violence*. Internation Master on Community protection and Safety Promotion. Porto.

Matos, M. (2002). Violência conjugal. In R. Gonçalves & C. Machado (Coords.). *Violência e vítimas de crime, Vol.1: Adultos*. Coimbra, Quarteto Editora, pp. 83-126.

Minayo, C.(2001). *Violência contra a mulher: impacto sobre a saúde*. São Paulo: RHAMAS

Neves, S.& Nogueira, C. (2004). Terapias feministas, intervenção psicológica e violência na intimidade: uma leitura feminista critica. *Psychologica*, 36, pp. 13-33.

Neto, F.(1998). *Psicologia Social*. Vol. I. Lisboa, Universidade Aberta.

Neto, F.(2000). *Psicologia Social*. Vol. II. Lisboa, Universidade Aberta.

Olivier, C. (2001). *Violência pessoal e familiar—Suas origens*. Lisboa, Prefácio.

Owens, D.J. & Straus M.A.(1975). The social structure of violence in childhood and approval of violence as an adults. *Aggressive behaviour*, vol 1.

Ozer, J.E., Tschann, J.M., Pasch, L.A. & Flores, E.(2004). Violence perpetration across peer and partner relationships: Co-occurrence and longitudinal patterns among adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 34, pp. 64-71.

Paiva, C. & Figueiredo, B.(2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*. 36, pp. 75-107.

Roberts, R.W. & Northen, H. (1984). *Teorias de service social de grupo*. São Paulo, Agir editora

Rosen, K. H., Bartle-Harinh, S. & Stith, S.M. (2001). Using Bowen Theory to Enhance Understanding of the Intergenerational Transmission of Dating Violence. *Journal of Family Issues*. Vol. 22 nº1.

Sani, A. (2003). *As crenças, o discurso e a acção: as construções de crianças expostas à violência interparental*. Tese de candidatura ao grau de doutor em Psicologia, na especialidade de Psicologia da Justiça. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho

Sierra, B. (1995). *Técnicas de Investigación Social—Teoria y Ejercicios*. Madrid, Paraninfo.

Straus, M. A. (1973). A general systems theory approach to a theory of violence family members; *Social science Information*, 12, pp. 105-125.

Straus, M. H. & Gelles, R. J. (1990). *Physical violence in american families : Risk factors to violence in 8.145 families*. New Brunswick, NJ.

Steinmetz, S. K. (1980). Investigating family violence. *Journal of home economics*, 72, pp. 32-36.

Taylor, C. A., Sorenson, S. B. (2004). Injunctive social norms of adults regarding teen dating violence. *Journal of Adolescent Health*, 34, pp. 468-479.

Walker, L. E .A. (1994). *Abused women and survivor therapy: A practical guide for the psychotherapist*. Washington D. C., American Psychological Association.

Wolfe, D. A. (1999). *Child Abuse: implications for child development and psychopatology*. London, Sage publications.

# **Anexos**

# **Anexo A**

## I. V. C. - 2

(C. Machado, M. Matos & M. Gonçalves, 2001; Universidade do Minho)

*Versão para investigação*

### INSTRUÇÕES:

Vai encontrar de seguida um conjunto de afirmações sobre comportamentos que podem ocorrer entre os membros de uma relação amorosa. Pede-se que **leia atentamente** essas frases e responda em relação a cada uma delas de acordo com a sua situação. Não existem respostas certas ou erradas. Por favor, tente responder de acordo com a sua experiência e **não como pensa que deveria ser**.

Assegure-se de que respondeu a todas as questões, devendo optar **apenas por uma das hipóteses** apresentadas.

**As respostas a este inquérito são absolutamente anónimas.**

**Obrigado pela sua colaboração!**

### DADOS PESSOAIS

Por favor responda às questões abaixo efectuadas, **sem indicar o seu nome**.

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: M  F  Curso: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

Estado Civil: Solteiro(a)  Casado(a) / União de facto

Divorciado(a) / Separado(a)  Viúvo(a)

Profissão (se não for economicamente autónomo, indicar profissão dos pais ou outros responsáveis): \_\_\_\_\_

A. Em relação a cada um dos comportamentos abaixo indicados, por favor indique os que já usou com o seu parceiro(a) actual e os que o seu parceiro(a) já usou consigo, reportando-se ao último ano. No caso de comportamentos que já tenham ocorrido, indique se tal aconteceu apenas uma vez ou mais do que uma vez.

Caso não esteja actualmente envolvido numa relação amorosa, por favor prossiga para a parte B (pág.6) deste questionário.

### 1 - Puxar os cabelos com força

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

### 2 - Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou "ferir"

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

### 3 - Dar uma bofetada

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

### 4 - Apertar o pescoço

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

### 5 - Ameaçar com armas (p.ex., faca, pistola, objectos cortantes) ou usando de força física

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**6 - Partir ou danificar coisas intencionalmente (p. ex., móveis, objectos pessoais) ou deitar a comida para o chão, para meter medo**

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**7 - Acordar a meio da noite, para causar medo**

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**8 - Dar um murro**

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**9 - Impedir o contacto com outras pessoas (p. ex., desviar correspondência, tirar as chaves, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la de sair de casa, cortar o telefone)**

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**10 - Atirar com objectos à outra pessoa**

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**11 - Dar uma sova**

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez

- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

### 12 - Dar pontapés ou cabeçadas

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

### 13 - Dar empurrões violentos

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

### 14 - Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

### 15 - Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

### 16 - Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica (especificar \_\_\_\_\_)

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**17 - Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica**  
(especificar \_\_\_\_\_)

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**18 - Forçar a outra pessoa a manter actos sexuais contra a sua vontade**

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**19 - Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas**

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**20 - Gritar ou ameaçar, para meter medo**

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**21 - Outros (especificar: \_\_\_\_\_)**

- a) Nunca fiz na minha relação actual  Já fiz ao meu parceiro(a) actual   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez  O meu parceiro(a) actual já me fez   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**B.** Em relação a cada um dos comportamentos abaixo apresentados, por favor indique os que já ocorreram no contexto de qualquer relação amorosa que já tenha mantido no passado (excluindo a sua relação actual).

No caso de comportamentos que já tenham ocorrido, indique se tal aconteceu apenas uma vez ou mais do que uma vez.

### 1 - Puxar os cabelos com força

- |   |  |  |  |
|---|--|--|--|
| a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) <input type="checkbox"/> | Uma única vez <input type="checkbox"/> | Já fiz a um(a) parceiro <input type="checkbox"/> | Mais do que uma vez <input type="checkbox"/> |
| b) Nunca me fizeram <input type="checkbox"/>              | Uma única vez <input type="checkbox"/> | Já me fizeram <input type="checkbox"/>           | Mais do que uma vez <input type="checkbox"/> |

### 2 - Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou "ferir"

- |   |  |  |  |
|---|--|--|--|
| a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) <input type="checkbox"/> | Uma única vez <input type="checkbox"/> | Já fiz a um(a) parceiro <input type="checkbox"/> | Mais do que uma vez <input type="checkbox"/> |
| b) Nunca me fizeram <input type="checkbox"/>              | Uma única vez <input type="checkbox"/> | Já me fizeram <input type="checkbox"/>           | Mais do que uma vez <input type="checkbox"/> |

### 3 - Dar uma bofetada

- |   |  |  |  |
|---|--|--|--|
| a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) <input type="checkbox"/> | Uma única vez <input type="checkbox"/> | Já fiz a um(a) parceiro <input type="checkbox"/> | Mais do que uma vez <input type="checkbox"/> |
| b) Nunca me fizeram <input type="checkbox"/>              | Uma única vez <input type="checkbox"/> | Já me fizeram <input type="checkbox"/>           | Mais do que uma vez <input type="checkbox"/> |

### 4 - Apertar o pescoço

- |   |  |  |  |
|---|--|--|--|
| a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) <input type="checkbox"/> | Uma única vez <input type="checkbox"/> | Já fiz a um(a) parceiro <input type="checkbox"/> | Mais do que uma vez <input type="checkbox"/> |
| b) Nunca me fizeram <input type="checkbox"/>              | Uma única vez <input type="checkbox"/> | Já me fizeram <input type="checkbox"/>           | Mais do que uma vez <input type="checkbox"/> |

### 5 - Ameaçar com armas (p.ex., faca, pistola, objectos cortantes) ou usando de força física

- |   |  |  |  |
|---|--|--|--|
| a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) <input type="checkbox"/> | Uma única vez <input type="checkbox"/> | Já fiz a um(a) parceiro <input type="checkbox"/> | Mais do que uma vez <input type="checkbox"/> |
| b) Nunca me fizeram <input type="checkbox"/>              | Uma única vez <input type="checkbox"/> | Já me fizeram <input type="checkbox"/>           | Mais do que uma vez <input type="checkbox"/> |

**6 - Partir ou danificar coisas intencionalmente (p. ex., móveis, objectos pessoais) ou deitar a comida para o chão, para meter medo.**

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Já fiz a um(a) parceiro   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) Nunca me fizeram  Já me fizeram   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**7 - Acordar a meio da noite, para causar medo**

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Já fiz a um(a) parceiro   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) Nunca me fizeram  Já me fizeram   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**8 - Dar um murro**

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Já fiz a um(a) parceiro   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) Nunca me fizeram  Já me fizeram   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**9 - Impedir o contacto com outras pessoas (p. ex., desviar correspondência, tirar as chaves, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la de sair de casa, cortar o telefone)**

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Já fiz a um(a) parceiro   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) Nunca me fizeram  Já me fizeram   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**10 - Atirar com objectos à outra pessoa**

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Já fiz a um(a) parceiro   
Uma única vez  Mais do que uma vez
- b) Nunca me fizeram  Já me fizeram   
Uma única vez  Mais do que uma vez

**11 - Dar uma sova**

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Já fiz a um(a) parceiro   
Uma única vez  Mais do que uma vez

- b) Nunca me fizeram  Uma única vez  Já me fizeram  Mais do que uma vez

### 12 - Dar pontapés ou cabeçadas

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Uma única vez  Já fiz a um(a) parceiro  Mais do que uma vez   
b) Nunca me fizeram  Uma única vez  Já me fizeram  Mais do que uma vez

### 13 - Dar empurrões violentos

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Uma única vez  Já fiz a um(a) parceiro  Mais do que uma vez   
b) Nunca me fizeram  Uma única vez  Já me fizeram  Mais do que uma vez

### 14 - Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Uma única vez  Já fiz a um(a) parceiro  Mais do que uma vez   
b) Nunca me fizeram  Uma única vez  Já me fizeram  Mais do que uma vez

### 15 - Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Uma única vez  Já fiz a um(a) parceiro  Mais do que uma vez   
b) Nunca me fizeram  Uma única vez  Já me fizeram  Mais do que uma vez

### 16 - Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica (especificar \_\_\_\_\_)

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Uma única vez  Já fiz a um(a) parceiro  Mais do que uma vez   
b) Nunca me fizeram  Uma única vez  Já me fizeram  Mais do que uma vez

### 17 - Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica (especificar \_\_\_\_\_)

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Uma única vez  Já fiz a um(a) parceiro  Mais do que uma vez   
b) Nunca me fizeram  Uma única vez  Já me fizeram

Uma única vez  Mais do que uma vez

**18 - Forçar a outra pessoa a manter actos sexuais contra a sua vontade**

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez  Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram  Já me fizeram

Uma única vez  Mais do que uma vez

**19 - Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas**

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez  Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram  Já me fizeram

Uma única vez  Mais do que uma vez

**20 - Gritar ou ameaçar, para meter medo**

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez  Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram  Já me fizeram

Uma única vez  Mais do que uma vez

**21 - Outros (especificar: \_\_\_\_\_)**

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)  Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez  Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram  Já me fizeram

Uma única vez  Mais do que uma vez

**Informação adicional:**

1. Caso tenha assinalado algum dos comportamentos apresentados como tendo ocorrido na sua **relação actual** durante o último ano, por favor indique o tipo de ligação que mantém com essa pessoa:

Casamento/união de facto  Divórcio/separação  Ligação afectiva sem coabitação

2. Caso tenha assinalado algum dos comportamentos apresentados como tendo ocorrido em **qualquer relação do seu passado**, por favor indique o tipo de ligação que mantinha então com essa pessoa:

Casamento/união de facto  Divórcio/separação  Ligação afectiva sem coabitação

3. Já mantive alguma relação amorosa  Nunca mantive uma relação amorosa

# **Anexo B**

# Frequencies

## Statistics

	ivc1a	ivc2a	ivc3a	ivc4a	ivc5a	ivc6a	ivc7a	ivc8a	ivc9a	ivc10a	ivc11a
N	151	149	149	149	149	149	148	150	149	150	149
Valid	76	78	78	78	78	78	79	77	78	77	78
Missing											

## Statistics

	ivc12a	ivc13a	ivc14a	ivc15a	ivc16a	ivc17a	ivc18a	ivc19a	ivc20a	ivc21a
N	149	150	150	150	149	147	148	148	144	46
Valid	78	77	77	77	78	80	79	79	83	181
Missing										

# Frequency Table

## ivc1a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	142	62,6	94,0	94,0
nunca fiz	6	2,6	4,0	98,0
fiz uma única vez	3	1,3	2,0	100,0
fiz mais do que uma vez				
Total	151	66,5	100,0	
Missing	76	33,5		
0				
Total	227	100,0		

ivc2a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	116	51,1	77,9	77,9
fiz uma única vez	9	4,0	6,0	83,9
fiz mais do que uma vez	24	10,6	16,1	100,0
Total	149	65,6	100,0	
Missing	0	34,4		
Total	227	100,0		

ivc3a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	133	58,6	89,3	89,3
fiz uma única vez	9	4,0	6,0	95,3
fiz mais do que uma vez	7	3,1	4,7	100,0
Total	149	65,6	100,0	
Missing	78	34,4		
Total	227	100,0		

ivc4a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	143	63,0	96,0	96,0
fiz uma única vez	3	1,3	2,0	98,0
fiz mais do que uma vez	3	1,3	2,0	100,0
Total	149	65,6	100,0	
Missing	78	34,4		
Total	227	100,0		

ivc5a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	146	64,3	98,0	98,0
nunca fiz	1	,4	,7	98,7
fiz uma única vez	2	,9	1,3	100,0
fiz mais do que uma vez				
Total	149	65,6	100,0	
Missing 0	78	34,4		
Total	227	100,0		

ivc6a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	134	59,0	89,9	89,9
nunca fiz	6	2,6	4,0	94,0
fiz uma única vez	9	4,0	6,0	100,0
fiz mais do que uma vez				
Total	149	65,6	100,0	
Missing 0	78	34,4		
Total	227	100,0		

ivc7a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	142	62,6	95,9	95,9
nunca fiz	4	1,8	2,7	98,6
fiz uma única vez	2	,9	1,4	100,0
fiz mais do que uma vez				
Total	148	65,2	100,0	
Missing 0	78	34,4		
System	1	,4		
Total	79	34,8		
Total	227	100,0		

ivc8a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	142	62,6	94,7	94,7
fiz uma única vez	5	2,2	3,3	98,0
fiz mais do que uma vez	3	1,3	2,0	100,0
Total	150	66,1	100,0	
Missing	77	33,9		
Total	227	100,0		

ivc9a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	144	63,4	96,6	96,6
fiz mais do que uma vez	5	2,2	3,4	100,0
Total	149	65,6	100,0	
Missing	77	33,9		
System	1	,4		
Total	78	34,4		
Total	227	100,0		

ivc10a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	137	60,4	91,3	91,3
fiz uma única vez	5	2,2	3,3	94,7
fiz mais do que uma vez	8	3,5	5,3	100,0
Total	150	66,1	100,0	
Missing	77	33,9		
Total	227	100,0		

ivc11a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	143	63,0	96,0	96,0
fiz uma única vez	2	,9	1,3	97,3
fiz mais do que uma vez	4	1,8	2,7	100,0
Total	149	65,6	100,0	
Missing	78	34,4		
Total	227	100,0		

ivc12a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	144	63,4	96,6	96,6
fiz uma única vez	5	2,2	3,4	100,0
Total	149	65,6	100,0	
Missing	78	34,4		
Total	227	100,0		

ivc13a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	136	59,9	90,7	90,7
fiz uma única vez	4	1,8	2,7	93,3
fiz mais do que uma vez	10	4,4	6,7	100,0
Total	150	66,1	100,0	
Missing	77	33,9		
Total	227	100,0		

ivc14a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	142	62,6	94,7	94,7
nunca fiz	1	,4	,7	95,3
fiz uma única vez	7	3,1	4,7	100,0
fiz mais do que uma vez	150	66,1	100,0	
Total	77	33,9		
Missing	0	100,0		
Total	227			

ivc15a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	144	63,4	96,0	96,0
nunca fiz	5	2,2	3,3	99,3
fiz uma única vez	1	,4	,7	100,0
fiz mais do que uma vez	150	66,1	100,0	
Total	77	33,9		
Missing	0	100,0		
Total	227			

ivc16a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	142	62,6	95,3	95,3
nunca fiz	3	1,3	2,0	97,3
fiz uma única vez	4	1,8	2,7	100,0
fiz mais do que uma vez	149	65,6	100,0	
Total	78	34,4		
Missing	0	100,0		
Total	227			

ivc17a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	145	63,9	98,6	98,6
nunca fiz				
fiz uma única vez	2	,9	1,4	100,0
Total	147	64,8	100,0	
Missing	79	34,8		
0				
System	1	,4		
Total	80	35,2		
Total	227	100,0		

ivc18a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	143	63,0	96,6	96,6
nunca fiz				
fiz uma única vez	3	1,3	2,0	98,6
fiz mais do que uma vez	2	,9	1,4	100,0
Total	148	65,2	100,0	
Missing	79	34,8		
0				
Total	227	100,0		

ivc19a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	146	64,3	98,6	98,6
nunca fiz				
fiz uma única vez	1	,4	,7	99,3
fiz mais do que uma vez	1	,4	,7	100,0
Total	148	65,2	100,0	
Missing	79	34,8		
0				
Total	227	100,0		

ivc20a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	118	52,0	81,9	81,9
nunca fiz	4	1,8	2,8	84,7
fiz uma única vez	22	9,7	15,3	100,0
fiz mais do que uma vez				
Total	144	63,4	100,0	
Missing	82	36,1		
0	1	,4		
System	83	36,6		
Total	227	100,0		

ivc21a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	44	19,4	95,7	95,7
nunca fiz	1	,4	2,2	97,8
fiz uma única vez	1	,4	2,2	100,0
fiz mais do que uma vez				
Total	46	20,3	100,0	
Missing	181	79,7		
0	227	100,0		
Total				

Statistics

	ivc1b	ivc2b	ivc3b	ivc4b	ivc5b	ivc6b	ivc7b	ivc8b	ivc9b	ivc10b	ivc11b
N	146	146	145	146	146	145	146	145	145	145	145
Valid	81	81	82	81	81	82	81	82	82	82	82
Missing											

	ivc12b	ivc13b	ivc14b	ivc15b	ivc16b	ivc17b	ivc18b	ivc19b	ivc20b	ivc21b
N	144	145	145	145	145	145	147	147	142	48
Valid	83	82	82	82	82	82	80	80	85	179
Missing										

### Frequency Table

ivc1b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	134	59,0	91,8	91,8
nunca fiz	2	,9	1,4	93,2
fiz uma única vez	10	4,4	6,8	100,0
fiz mais do que uma vez	146	64,3	100,0	
Total	81	35,7		
Missing	0			
Total	227	100,0		

ivc2b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	110	48,5	75,3	75,3
nunca fiz	9	4,0	6,2	81,5
fiz uma única vez	27	11,9	18,5	100,0
fiz mais do que uma vez	146	64,3	100,0	
Total	81	35,7		
Missing	0			
Total	227	100,0		

ivc3b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	128	56,4	88,3	88,3
fiz uma única vez	10	4,4	6,9	95,2
fiz mais do que uma vez	7	3,1	4,8	100,0
Total	145	63,9	100,0	
Missing 0	82	36,1		
Total	227	100,0		

ivc4b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	137	60,4	93,8	93,8
fiz uma única vez	7	3,1	4,8	98,6
fiz mais do que uma vez	2	,9	1,4	100,0
Total	146	64,3	100,0	
Missing 0	81	35,7		
Total	227	100,0		

ivc5b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	141	62,1	96,6	96,6
fiz uma única vez	2	,9	1,4	97,9
fiz mais do que uma vez	3	1,3	2,1	100,0
Total	146	64,3	100,0	
Missing 0	80	35,2		
System	1	,4		
Total	81	35,7		
Total	227	100,0		

ivc6b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	133	58,6	91,7	91,7
fiz uma única vez	7	3,1	4,8	96,6
fiz mais do que uma vez	5	2,2	3,4	100,0
Total	145	63,9	100,0	
Missing	0	36,1		
Total	227	100,0		

ivc7b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	139	61,2	95,2	95,2
fiz uma única vez	3	1,3	2,1	97,3
fiz mais do que uma vez	4	1,8	2,7	100,0
Total	146	64,3	100,0	
Missing	81	35,7		
Total	227	100,0		

ivc8b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	138	60,8	95,2	95,2
fiz uma única vez	6	2,6	4,1	99,3
fiz mais do que uma vez	1	,4	,7	100,0
Total	145	63,9	100,0	
Missing	82	36,1		
Total	227	100,0		

ivc9b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	136	59,9	93,8	93,8
fiz uma única vez	2	,9	1,4	95,2
fiz mais do que uma vez	7	3,1	4,8	100,0
Total	145	63,9	100,0	
Missing 0	82	36,1		
Total	227	100,0		

ivc10b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	135	59,5	93,1	93,1
fiz uma única vez	2	,9	1,4	94,5
fiz mais do que uma vez	8	3,5	5,5	100,0
Total	145	63,9	100,0	
Missing 0	82	36,1		
Total	227	100,0		

ivc11b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	143	63,0	98,6	98,6
fiz uma única vez	1	,4	,7	99,3
fiz mais do que uma vez	1	,4	,7	100,0
Total	145	63,9	100,0	
Missing 0	82	36,1		
Total	227	100,0		

ivc12b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	142	62,6	98,6	98,6
fiz uma única vez	1	,4	,7	99,3
fiz mais do que uma vez	1	,4	,7	100,0
Total	144	63,4	100,0	
Missing	0	36,6		
Total	227	100,0		

ivc13b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	137	60,4	94,5	94,5
fiz uma única vez	3	1,3	2,1	96,6
fiz mais do que uma vez	5	2,2	3,4	100,0
Total	145	63,9	100,0	
Missing	82	36,1		
Total	227	100,0		

ivc14b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	138	60,8	95,2	95,2
fiz uma única vez	1	,4	,7	95,9
fiz mais do que uma vez	6	2,6	4,1	100,0
Total	145	63,9	100,0	
Missing	82	36,1		
Total	227	100,0		

ivc15b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	142	62,6	97,9	97,9
fiz uma única vez	1	,4	,7	98,6
fiz mais do que uma vez	2	,9	1,4	100,0
Total	145	63,9	100,0	
Missing	0	36,1		
Total	227	100,0		

ivc16b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	141	62,1	97,2	97,2
fiz uma única vez	2	,9	1,4	98,6
fiz mais do que uma vez	2	,9	1,4	100,0
Total	145	63,9	100,0	
Missing	82	36,1		
Total	227	100,0		

ivc17b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	144	63,4	99,3	99,3
fiz uma única vez	1	,4	,7	100,0
Total	145	63,9	100,0	
Missing	81	35,7		
System	1	,4		
Total	82	36,1		
Total	227	100,0		

ivc18b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	147	64,8	100,0	100,0
Missing	80	35,2		
Total	227	100,0		

ivc19b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	146	64,3	99,3	99,3
nunca fiz	1	,4	,7	100,0
fiz mais do que uma vez	147	64,8	100,0	
Total	80	35,2		
Missing	227	100,0		
Total				

ivc20b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	123	54,2	86,6	86,6
nunca fiz	3	1,3	2,1	88,7
fiz uma única vez	16	7,0	11,3	100,0
fiz mais do que uma vez	142	62,6	100,0	
Total	85	37,4		
Missing	227	100,0		
Total				

ivc21b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	47	20,7	97,9	97,9
nunca fiz fiz mais do que uma vez	1	,4	2,1	100,0
Total	48	21,1	100,0	
Missing	179	78,9		
0	227	100,0		
Total				

### Frequencies

#### Statistics

	ivc1_a	ivc2_a	ivc3_a	ivc4_a	ivc5_a	ivc6_a	ivc7_a	ivc8_a	ivc9_a	ivc10_a	ivc11_a
N	215	216	215	215	214	214	212	213	213	211	213
Valid	12	11	12	12	13	13	15	14	14	16	14
Missing											

#### Statistics

	ivc12_a	ivc13_a	ivc14_a	ivc15_a	ivc16_a	ivc17_a	ivc18_a	ivc19_a	ivc20_a	ivc21_a
N	213	214	212	214	213	210	213	214	214	78
Valid	14	13	15	13	14	17	14	13	13	149
Missing										

### Frequency Table

ivc1\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	205	90,3	95,3	95,3
nunca fiz	1	,4	,5	95,8
fiz uma única vez	9	4,0	4,2	100,0
fiz mais do que uma vez	215	94,7	100,0	
Total	12	5,3		
Missing	227	100,0		
Total				

ivc2\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	177	78,0	81,9	81,9
nunca fiz	14	6,2	6,5	88,4
fiz uma única vez	25	11,0	11,6	100,0
fiz mais do que uma vez	216	95,2	100,0	
Total	11	4,8		
Missing	227	100,0		
Total				

ivc3\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	191	84,1	88,8	88,8
nunca fiz	8	3,5	3,7	92,6
fiz uma única vez	16	7,0	7,4	100,0
fiz mais do que uma vez	215	94,7	100,0	
Total	12	5,3		
Missing	227	100,0		
Total				

ivc4\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	209	92,1	97,2	97,2
fiz uma única vez	3	1,3	1,4	98,6
fiz mais do que uma vez	3	1,3	1,4	100,0
Total	215	94,7	100,0	
Missing	12	5,3		
Total	227	100,0		

ivc5\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	211	93,0	98,6	98,6
fiz mais do que uma vez	3	1,3	1,4	100,0
Total	214	94,3	100,0	
Missing	13	5,7		
Total	227	100,0		

ivc6\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	198	87,2	92,5	92,5
fiz uma única vez	5	2,2	2,3	94,9
fiz mais do que uma vez	11	4,8	5,1	100,0
Total	214	94,3	100,0	
Missing	13	5,7		
Total	227	100,0		

ivc7\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	206	90,7	97,2	97,2
fiz uma única vez	2	,9	,9	98,1
fiz mais do que uma vez	4	1,8	1,9	100,0
Total	212	93,4	100,0	
Missing	0	6,6		
Total	227	100,0		

ivc8\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	205	90,3	96,2	96,2
fiz uma única vez	5	2,2	2,3	98,6
fiz mais do que uma vez	3	1,3	1,4	100,0
Total	213	93,8	100,0	
Missing	14	6,2		
Total	227	100,0		

ivc9\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	205	90,3	96,2	96,2
fiz uma única vez	3	1,3	1,4	97,7
fiz mais do que uma vez	5	2,2	2,3	100,0
Total	213	93,8	100,0	
Missing	14	6,2		
Total	227	100,0		

ivc10\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	200	88,1	94,8	94,8
fiz uma única vez	4	1,8	1,9	96,7
fiz mais do que uma vez	7	3,1	3,3	100,0
Total	211	93,0	100,0	
Missing				
0	15	6,6		
System	1	,4		
Total	16	7,0		
Total	227	100,0		

ivc11\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	210	92,5	98,6	98,6
fiz uma única vez	3	1,3	1,4	100,0
Total	213	93,8	100,0	
Missing				
0	14	6,2		
Total	227	100,0		

ivc12\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	208	91,6	97,7	97,7
fiz uma única vez	3	1,3	1,4	99,1
fiz mais do que uma vez	2	,9	,9	100,0
Total	213	93,8	100,0	
Missing				
0	14	6,2		
Total	227	100,0		

ivc13\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	195	85,9	91,1	91,1
fiz uma única vez	5	2,2	2,3	93,5
fiz mais do que uma vez	14	6,2	6,5	100,0
Total	214	94,3	100,0	
Missing 0	13	5,7		
Total	227	100,0		

ivc14\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	207	91,2	97,6	97,6
fiz mais do que uma vez	5	2,2	2,4	100,0
Total	212	93,4	100,0	
Missing 0	15	6,6		
Total	227	100,0		

ivc15\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	210	92,5	98,1	98,1
fiz uma única vez	3	1,3	1,4	99,5
fiz mais do que uma vez	1	,4	,5	100,0
Total	214	94,3	100,0	
Missing 0	13	5,7		
Total	227	100,0		

ivc16\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	207	91,2	97,2	97,2
fiz uma única vez	3	1,3	1,4	98,6
fiz mais do que uma vez	3	1,3	1,4	100,0
Total	213	93,8	100,0	
Missing	0	6,2		
Total	227	100,0		

ivc17\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	209	92,1	99,5	99,5
fiz uma única vez	1	,4	,5	100,0
Total	210	92,5	100,0	
Missing	16	7,0		
System	1	,4		
Total	17	7,5		
Total	227	100,0		

ivc18\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	209	92,1	98,1	98,1
fiz uma única vez	3	1,3	1,4	99,5
fiz mais do que uma vez	1	,4	,5	100,0
Total	213	93,8	100,0	
Missing	13	5,7		
System	1	,4		
Total	14	6,2		
Total	227	100,0		

ivc19\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid nunca fiz	214	94,3	100,0	100,0
Missing 0	13	5,7		
Total	227	100,0		

ivc20\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid nunca fiz	190	83,7	88,8	88,8
fiz uma única vez	4	1,8	1,9	90,7
fiz mais do que uma vez	20	8,8	9,3	100,0
Total	214	94,3	100,0	
Missing 0	13	5,7		
Total	227	100,0		

ivc21\_a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid nunca fiz	77	33,9	98,7	98,7
fiz mais do que uma vez	1	,4	1,3	100,0
Total	78	34,4	100,0	
Missing 0	149	65,6		
Total	227	100,0		

Statistics

	ivc1 b	ivc2 b	ivc3 b	ivc4 b	ivc5 b	ivc6 b	ivc7 b	ivc8 b	ivc9 b	ivc10 b	ivc11 b
N Valid	207	207	210	208	208	210	210	210	209	210	210
Missing	20	20	17	19	19	17	17	17	18	17	17

	ivc12_b	ivc13_b	ivc14_b	ivc15_b	ivc16_b	ivc17_b	ivc18_b	ivc19_b	ivc20_b	ivc21_b
N	210	210	210	209	210	207	211	210	209	76
Valid	17	17	17	18	17	20	16	17	18	151
Missing										

Frequency Table

ivc1\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	192	84,6	92,8	92,8
nunca fiz	6	2,6	2,9	95,7
fiz uma única vez	9	4,0	4,3	100,0
fiz mais do que uma vez				
Total	207	91,2	100,0	
Missing	20	8,8		
Total	227	100,0		

ivc2\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	167	73,6	80,7	80,7
nunca fiz	16	7,0	7,7	88,4
fiz uma única vez	24	10,6	11,6	100,0
fiz mais do que uma vez				
Total	207	91,2	100,0	
Missing	19	8,4		
System	1	,4		
Total	20	8,8		
Total	227	100,0		

ivc3\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	184	81,1	87,6	87,6
fiz uma única vez	10	4,4	4,8	92,4
fiz mais do que uma vez	16	7,0	7,6	100,0
Total	210	92,5	100,0	
Missing	0	7,5		
Total	227	100,0		

ivc4\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	201	88,5	96,6	96,6
fiz uma única vez	3	1,3	1,4	98,1
fiz mais do que uma vez	4	1,8	1,9	100,0
Total	208	91,6	100,0	
Missing	0	7,5		
System	2	,9		
Total	19	8,4		
Total	227	100,0		

ivc5\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	205	90,3	98,6	98,6
fiz mais do que uma vez	3	1,3	1,4	100,0
Total	208	91,6	100,0	
Missing	0	8,4		
Total	227	100,0		

ivc6\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	193	85,0	91,9	91,9
fiz uma única vez	6	2,6	2,9	94,8
fiz mais do que uma vez	11	4,8	5,2	100,0
Total	210	92,5	100,0	
Missing	17	7,5		
Total	227	100,0		

ivc7\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	204	89,9	97,1	97,1
fiz uma única vez	3	1,3	1,4	98,6
fiz mais do que uma vez	3	1,3	1,4	100,0
Total	210	92,5	100,0	
Missing	17	7,5		
Total	227	100,0		

ivc8\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	205	90,3	97,6	97,6
fiz uma única vez	3	1,3	1,4	99,0
fiz mais do que uma vez	2	,9	1,0	100,0
Total	210	92,5	100,0	
Missing	17	7,5		
Total	227	100,0		

ivc9\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	193	85,0	92,3	92,3
fiz uma única vez	4	1,8	1,9	94,3
fiz mais do que uma vez	12	5,3	5,7	100,0
Total	209	92,1	100,0	
Missing	0	7,9		
Total	227	100,0		

ivc10\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	193	85,0	91,9	91,9
fiz uma única vez	7	3,1	3,3	95,2
fiz mais do que uma vez	10	4,4	4,8	100,0
Total	210	92,5	100,0	
Missing	17	7,5		
Total	227	100,0		

ivc11\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	207	91,2	98,6	98,6
fiz uma única vez	2	,9	1,0	99,5
fiz mais do que uma vez	1	,4	,5	100,0
Total	210	92,5	100,0	
Missing	17	7,5		
Total	227	100,0		

ivc12\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	205	90,3	97,6	97,6
fiz uma única vez	4	1,8	1,9	99,5
fiz mais do que uma vez	1	,4	,5	100,0
Total	210	92,5	100,0	
Missing	17	7,5		
Total	227	100,0		

ivc13\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	193	85,0	91,9	91,9
fiz uma única vez	4	1,8	1,9	93,8
fiz mais do que uma vez	13	5,7	6,2	100,0
Total	210	92,5	100,0	
Missing	17	7,5		
Total	227	100,0		

ivc14\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	195	85,9	92,9	92,9
fiz uma única vez	3	1,3	1,4	94,3
fiz mais do que uma vez	12	5,3	5,7	100,0
Total	210	92,5	100,0	
Missing	17	7,5		
Total	227	100,0		

ivc15\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	205	90,3	98,1	98,1
nunca fiz	1	,4	,5	98,6
fiz uma única vez	3	1,3	1,4	100,0
fiz mais do que uma vez				
Total	209	92,1	100,0	
Missing	17	7,5		
0	1	,4		
System	18	7,9		
Total	227	100,0		

ivc16\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	203	89,4	96,7	96,7
nunca fiz	4	1,8	1,9	98,6
fiz uma única vez	3	1,3	1,4	100,0
fiz mais do que uma vez				
Total	210	92,5	100,0	
Missing	17	7,5		
0				
Total	227	100,0		

ivc17\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	207	91,2	100,0	100,0
nunca fiz	19	8,4		
0	1	,4		
System	20	8,8		
Total	227	100,0		

ivc18\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	207	91,2	98,1	98,1
fiz uma única vez	2	,9	,9	99,1
fiz mais do que uma vez	2	,9	,9	100,0
Total	211	93,0	100,0	
Missing 0	16	7,0		
Total	227	100,0		

ivc19\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	210	92,5	100,0	100,0
Missing 0	17	7,5		
Total	227	100,0		

ivc20\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	174	76,7	83,3	83,3
fiz uma única vez	9	4,0	4,3	87,6
fiz mais do que uma vez	26	11,5	12,4	100,0
Total	209	92,1	100,0	
Missing 0	18	7,9		
Total	227	100,0		

ivc21\_b

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
nunca fiz	76	33,5	100,0	100,0
Missing				
0	151	66,5		
Total	227	100,0		